

X CONGRESSO DE CIÊNCIAS BÍBLICAS - FASSEB

E

ESCOLA BÍBLICA DE OBREIROS - CONEMAD - GO

10 E 11 DE OUTUBRO DE 2025

QUEM É A NOIVA

ECLESIA



A IGREJA, SUA ORIGEM, NATUREZA
E MISSÃO NO MUNDO



Faculdade
Assembleiana
do Brasil

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

- F143d Faculdade Assembleiana do Brasil (Goiânia-GO)
X Congresso de Ciências Bíblicas - FASSEB, Escola Bíblica de Obreiros - CONEMAD - GO :
Eclesiologia: a Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo / Organizadores, Enoque Vieira
Lima e Gláucia Loureiro de Paula – Goiânia : FASSEB, 2025.
38 p. ; il. color. ; 21 cm.
ISBN: 978-85-61926-60-1
1. Faculdade Assembleiana do Brasil - Congressos. 2. Convenção Estadual dos Ministros
Evangélicos das Assembleias de Deus no Estado de Goiás - Congressos. 3. Teologia - Con-
gressos - Goiânia (GO). 4. Bíblia - Congressos - Goiânia (GO). 5. Eclesiologia - Congressos
- Goiânia (GO). I. Título. II. Subtítulo. III. Lima, Enoque Vieira. IV. Paula, Gláucia Loureiro de.
CDU: 2
-

Catálogo: Dannilo Ribeiro Garcês Bueno, Bibliotecário - CRB-1: 2162



Faculdade
Assembleiana
do Brasil

**X CONGRESSO DE CIÊNCIAS BÍBLICAS
FASSEB**

E

**ESCOLA BÍBLICA DE OBREIROS
CONEMAD - GO**



O X Congresso de Ciências Bíblicas e Escola Bíblica de Obreiros tem como propósito reafirmar a identidade da Igreja como coluna e firmeza da verdade, fortalecendo a matriz pentecostal assembleiana e consolidando a Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB) como uma instituição orientada e apoiada pela Convenção Estadual dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus no Estado de Goiás (CONEMAD-GO). Seu objetivo é oferecer, ao público-alvo, uma visão crítica e introdutória das Escrituras Sagradas, pautada em uma perspectiva ortodoxa do Cristianismo.

Este encontro se apresenta como espaço de edificação e formação, relevante para a comunidade acadêmica, pastores, líderes e irmãos que amam conhecer mais profundamente as Escrituras e desejam servir ao Senhor com excelência e fidelidade.

DIRETORIA CONEMAD – GO

Bispo Orides José do Carmo - Presidente Vitalício
Pastor Abinair Vargas Vieira - 1º Vice - Presidente
Pastor Josué Rodrigues de Gouveia - 2º Vice - Presidente
Pastor Bertê Adais Magalhães - 3º Vice - Presidente
Pastor Ataul Alves Rosa - 4º Vice - Presidente
Pastor José Claudio Prates - 5º Vice - Presidente

MEMBROS DO CONSELHO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ CONEMAD-GO

Enoque Vieira Silva - Pastor Coordenador
Pra. Gláucia Loureiro de Paula - Membro
Pr. Aldenir José Barcelos - Membro
Pr. Júnior Queiróz - Membro
Pr. Luiz Gonzaga - Membro
Pr. Givanildo Oscar Siqueira da Costa - Membro
Pr. Esequias de Oliveira - Membro
Pr. Oseias Mendes Pereira Varão - Membro
Ev. Meire Silva - Membro
Pr. Daniel Marciano de Oliveira - Membro
Pr. Jefferson da Silva Oliveira - Membro
Pr. Gilmar Tavares - Membro

DIRETORIA FASSEB

Gláucia Loureiro de Paula - Diretora Geral
Alessandra Carlos Costa Grangeiro - Diretora Acadêmica e Coordenação - Teologia
Josias Dayvid P. Barcelo - Gestor Administrativo-Financeiro
Larissa Rodrigues Faria - Coordenação - Psicologia
Levi Santos Santana - Coordenação - Direito
Carlos Aurélio Grangeiro de Sousa - Coordenação de Extensão
Genilson Rodrigues de Araújo - Coordenação Pós-graduação e Coord. Adj. Teologia

COMISSÃO ORGANIZADORA – EBO e CCB

Enoque Vieira Lima
Coordenador Geral da Comissão de Educação Cristã – Conemad-GO - Organizador
Gláucia Loureiro de Paula
Diretora geral FASSEB – Organizadora

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alessandra C. Grangeiro - Diretora Acadêmica e Coordenadora de Teologia
Genilson Rodrigues - Coordenador Adjunto
Gláucia Loureiro de Paula - Parecerista
Enoque Vieira Lima - Parecerista

EQUIPE TÉCNICA

Carlos Aurélio Grangeiro de Sousa - Coordenador de Extensão
Josias Dayvid P. Barcelo - Gestão Administrativa
Diessyka Fernanda Monteiro - Revisão de Texto

10/10 19H - 20H

BISPO OÍDES JOSÉ - GO

*A IGREJA: SUA ORIGEM, NATUREZA
E MISSÃO NO MUNDO*

10/10 20H - 21H10

PR. ENOQUE VIEIRA - GO

*A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO
DOCTRINÁRIO NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO*

11/10 9H - 10H20

PR. GIBSON SANTOS - DF

*A IGREJA COMO CORPO DE CRISTO: UNIDADE,
DIVERSIDADE E VOCAÇÃO NO SERVIÇO DO REINO*

11/10 10H30 - 11H30

PR. KLEBER MAIA - RN

*A IGREJA E SUA IDENTIDADE PROFÉTICA
CHAMADO, SANTIDADE E AUTORIDADE
ESPIRITUAL NO MUNDO*

11/10 15H - 15H50

PR. GIBSON SANTOS - DF

*MISSÃO DA IGREJA: ENTRE O CULTO E A
COMPAIXÃO - A AÇÃO EVANGELÍSTICA E SOCIAL*

11/10 16H - 16H50

PR. KLEBER MAIA - RN

*DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À IGREJA
CULTURA, SECULARIZAÇÃO E FIDELIDADE BÍBLICA*

Palavra do Bispo

Amados irmãos e irmãs em Cristo,

Com grande alegria no coração, dou-lhes as boas-vindas à Escola Bíblica de Obreiros e ao Congresso de Ciências Bíblicas da FASSEB, que neste ano traz como tema central:

“Eclesiologia: A Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo”, inspirado em 1 Timóteo 3.15.

Este encontro é uma oportunidade ímpar para fortalecermos nossa fé, aprofundarmos o conhecimento da Palavra e renovarmos nosso compromisso com a missão que o Senhor confiou à Sua Igreja. Creio que cada palestra, cada momento de oração e cada comunhão fraterna serão instrumentos usados por Deus para edificação espiritual e despertamento ministerial.

Minha oração é que, nestes dias, o Espírito Santo fale poderosamente ao seu coração, capacitando-o para servir com fidelidade, santidade e sabedoria, a fim de que a Igreja permaneça como coluna e firmeza da verdade em meio aos desafios do nosso tempo.

Sejam todos muito bem-vindos em nome de Jesus Cristo.

Em Cristo,

Bispo Oides José do Carmo

Presidente vitalício da Convenção Estadual dos Ministros
Evangélicos das Assembléias de Deus no Estado de Goiás,
Ministério de Madureira - CONEMAD-GO



Palavra do Anfitrião

Amados irmãos e irmãs,

É com imensa alegria que, como anfitrião, tenho a honra de acolher cada participante da Escola Bíblica de Obreiros e do Congresso de Ciências Bíblicas da FASSEB, que neste ano tem como tema central:

“Eclesiologia: A Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo” (1Tm 3.15).

Este congresso nasce com o propósito de oferecer, ao público-alvo, uma visão crítica e introdutória das Escrituras Sagradas, sempre pautada na perspectiva ortodoxa do Cristianismo. Mais do que um encontro acadêmico e espiritual, é um espaço de reflexão, crescimento e consolidação da fé, pelas quais a comunidade acadêmica, pastores, líderes e obreiros poderão renovar sua compreensão sobre a missão e identidade da Igreja.

Recebê-los em nossa Catedral AD FAMA é uma honra e uma bênção. Que cada palestra, cada momento de comunhão e cada oração neste congresso sejam canais da graça de Deus para a edificação do Seu povo.

Sejam todos muito bem-vindos em nome de Jesus!

Em Cristo,

Pr. Abinair Vargas Vieira

Presidente AD FAMA



Palavra da Diretora Geral - FASSEB

Queridos irmãos e irmãs,

Com profundo júbilo, damos início à Escola Bíblica de Obreiros e ao Congresso de Ciências Bíblicas da FASSEB. Este é um momento singular em que a fé, a reflexão acadêmica e o serviço cristão se encontram sob a direção do Espírito Santo. Este evento, que tem como tema central “Eclesiologia: A Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo” (1Tm 3.15), é expressão viva do compromisso da nossa Faculdade com a formação bíblico-teológica sólida, voltada tanto à Igreja quanto à sociedade.

Registro minha sincera gratidão ao Bispo Oídes José do Carmo e ao Pr. Abinair Vargas Vieira, mantenedores desta instituição, pela confiança, pelo apoio irrestrito e pela visão de que uma instituição de ensino superior é um verdadeiro braço da Igreja, contribuindo para a edificação do Corpo de Cristo e para a transformação social através do conhecimento.

Estendo também meus agradecimentos à dedicada equipe de gestores, ao corpo docente e discente da Faculdade Assembleiana do Brasil, assim como a todos os obreiros da CONEMAD-GO e participantes em geral, cuja presença e engajamento enriquecem este congresso e dão sentido à nossa missão.

Que este encontro seja, para todos, um tempo de aprendizado, comunhão e renovação espiritual, capacitando-nos a cumprir com excelência o chamado de Deus para Sua Igreja.

Sejam todos muito bem-vindos em nome de Cristo Jesus!

Com estima,

Dra. Gláucia Loureiro de Paula

Diretora-Geral - FASSEB



Palavra do Coordenador - CONEMAD- GO

Prezados irmãos e irmãs em Cristo,

É com grande alegria que damos as boas-vindas a todos da Escola Bíblica de Obreiros e ao Congresso de Ciências Bíblicas da FASSEB, cujo tema central — “Eclesiologia: A Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo” (1 Tm 3.15) — nos convida a refletir sobre a essência e a missão da Igreja no tempo presente.

Expresso minha gratidão ao Bispo Oídes José do Carmo, presidente da CONEMAD-GO, pela sua visão e apoio constante, reconhecendo a relevância de debates teológicos sobre a origem divina da Igreja, sua identidade espiritual e a atualidade da eclesiologia bíblica. Este congresso também ressalta a importância da integração entre a vida ministerial prática e a formação acadêmica, demonstrando como a doutrina da Igreja capacita o obreiro a servir com sabedoria, fidelidade e excelência, estabelecendo o elo entre o ministério e o conhecimento sólido das Escrituras.

Dirijo meus agradecimentos à equipe de gestores da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), na pessoa de sua Diretora-Geral, Dra. Gláucia Loureiro de Paula, pelo empenho e dedicação na consolidação desta instituição como parceira da CONEMAD-GO, bem como a todos os obreiros e participantes que tornam este encontro um marco de edificação espiritual e acadêmica.

Que este congresso seja instrumento de fortalecimento para o ministério de cada um, renovando nossa visão e compromisso com a Igreja de Cristo.

Sejam todos muito bem-vindos, em nome de Jesus!

Em Cristo,

Pr. Enoque Vieira Silva
Coordenador Geral do Conselho de
Educação Cristã - CONEMAD-GO



Palestrantes

Bispo Oídes José do Carmo - GO

@bispooidesadmiradores

Presidente vitalício da Convenção Estadual dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus no Estado de Goiás, Ministério de Madureira - CONEMAD-GO. 3º vice presidente da Convenção Nacional Ministério de Madureira - CONAMAD. Bacharel em Direito. Pastor presidente da Assembleia de Deus Ministério de Campinas - Goiânia - GO.



Pr. Enoque Vieira - GO

@prenoquevieiraoficial

Coordenador Geral do Conselho de Educação Cristã da CO-NEMAD-GO, 2º vice presidente da Assembleia de Deus Campo de Campinas - Goiânia - Bacharel em Teologia pelo IBAD - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - Pindamonhagaba-SP, onde atuou como professor de Grego do Novo Testamento e Disciplinas de Teologia Sistemática. Conferencista na Área de Liderança, Prática Ministerial e Vida Cristã.



Pr. Gibson Santos - DF

@gibson.santos30

Secretário Regional da SBB em Brasília (DF); bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste e Instituto Teológico Gamaliel; pós-graduado em Gestão Comercial e Administração; graduado em Liderança Avançada pelo Institute Haggai; graduado em Capelania pela Confecap; graduando em Psicologia pela Universidade do Distrito Federal (UDF); pastor na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Sobradinho (DF).



Pr. Kleber Maia - RN

@prklebermaia

Pastor assembleiano, escritor e teólogo. Mestre em Teologia (FABAPAR), com ênfase em Estudo e Ensino da Bíblia e Pós-graduação em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FTBP). Exerce o ministério pastoral desde 1999, e é professor de teologia em algumas Escolas Teológicas, no Rio Grande do Norte e em outros estados, em diversas disciplinas de Teologia Sistemática, Teologia Bíblica e Homilética. Atualmente, é pastor na Assembleia de Deus em Parnamirim / RN.



Bispo Oídes José do Carmo

Introdução

1 Timóteo 3.15 “...para que, se tardar, saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade.”

Esse versículo é um marco teológico e pastoral. Paulo lembra a Timóteo que a Igreja não é uma instituição comum, mas “a casa de Deus”, lugar onde Ele habita pelo Seu Espírito. Não é uma invenção humana, mas uma realidade viva, nascida do coração de Deus. Além disso, Paulo a define como “coluna e firmeza da verdade”, isto é, o alicerce visível que sustenta e proclama a revelação divina em meio ao mundo.

Esse texto se conecta diretamente com o tema central do nosso evento: “*Eclesiologia: a Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo*”. Aqui encontramos, em uma só frase, três verdades fundamentais: a origem divina da Igreja (“casa de Deus”), sua natureza santa (“igreja do Deus vivo”) e sua missão no mundo (“coluna e firmeza da verdade”).

Ao mesmo tempo, esse versículo abre caminho para o tema específico desta palestra: “*A Igreja: sua origem, natureza e missão*”. Pois, ao afirmar que a Igreja é do “Deus vivo”, Paulo nos conduz a refletir sobre sua fundação em Cristo, sua identidade como corpo espiritual e sua responsabilidade missionária em anunciar e guardar a verdade em todas as gerações.

Portanto, ao introduzirmos nosso estudo, entendemos que não estamos tratando de uma instituição histórica apenas, mas de uma realidade eterna, cuja existência está profundamente ligada ao propósito de Deus. Somos chamados, como obreiros, a conhecer essa verdade, a viver

segundo essa identidade e a cumprir essa missão, até que Cristo volte.

A Igreja é mais que uma instituição religiosa; ela é a comunidade daqueles que foram chamados, regenerados e enviados por Cristo. Não nasceu do esforço humano, mas do coração eterno de Deus. O apóstolo Paulo a chama de “coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.15), expressão que Henry Clarence Thiessen (1994) explica como sendo a função de sustentar a verdade revelada em um mundo hostil. Como ele escreve: “a Igreja existe para ser a guardiã da verdade divina, não podendo negociar com os interesses passageiros da cultura” (THIESSEN, 1994, p. 291).

Somos convocados a resgatar essa visão: somos parte de uma Igreja que tem origem divina, natureza santa e missão universal.

1 A Origem Divina da Igreja

Jesus afirmou: “Edificarei a minha Igreja” (Mt 16.18). A origem da Igreja é Cristo. Ele a comprou com Seu sangue (At 20.28) e a fez nascer visivelmente no Pentecostes (At 2). Gerald Bray (2017) lembra que a Igreja é continuidade do povo da aliança, agora universalizado em Cristo. Antônio Gilberto aprofunda essa ideia ao dizer que a Igreja, em sua origem, é uma obra exclusivamente divina; nasceu no coração de Deus e é prolongamento do ministério de Cristo na terra, através da ação do Espírito Santo (GILBERTO, 2008, p. 382).

2 A Natureza da Igreja

2.1 Um povo santo e peregrino. Gregg Allison (2021) descreve a Igreja como uma comunidade de peregrinos e estrangeiros. Essa definição lembra que, embora estejamos no

mundo, pertencemos a outro Reino (1 Pe 2.11). Assim, a identidade da Igreja não está vinculada ao poder político ou às estruturas sociais do presente século, mas à esperança escatológica. Os crentes são cidadãos da pátria celestial, vivendo no mundo sem se conformar a ele (Rm 12.2). Allison enfatiza que a Igreja só cumpre sua vocação quando reconhece que sua pátria definitiva é celestial e que sua missão consiste em antecipar os valores desse Reino na vida cotidiana.

2.2 Corpo de Cristo. Paulo ensina: “Vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular” (1 Co 12.27). Stanley Horton reforça essa metáfora afirmando: “O corpo é um só, mas os membros são muitos. Sem o trabalho conjunto, a Igreja não realiza sua missão. O cristão isolado não sobrevive; é no corpo que ele cumpre sua vocação” (HORTON, 1996, p. 402). Essa imagem não é apenas doutrinária, mas também prática: cada membro da Igreja deve atuar de forma orgânica, exercendo dons e ministérios. Horton acrescenta que a harmonia do corpo depende da comunhão com Cristo, a Cabeça. Sem essa submissão, a Igreja perde sua vitalidade espiritual, o que demonstra que não há espaço para isolamento ou individualismo cristão.

2.3 Templo do Espírito Santo. Ed Hayes (2002) lembra que a Igreja é templo santo, lugar da habitação de Deus (Ef 2.21-22). Isso significa que a presença divina não se limita mais a um edifício físico, como no Antigo Testamento, mas se manifesta na comunidade reunida em nome de Cristo. Essa compreensão amplia a consciência de que a Igreja não pode ser reduzida a programas ou instituições humanas: ela é, essencialmente, o espaço em que o Espírito Santo se move, santifica e capacita o povo de Deus.

2.4 Coluna e firmeza da verdade. Thiessen declara: “A Igreja é coluna da verdade porque mantém firme e inabalável o depósito da fé que lhe foi

confiado” (THIESSEN, 1994, p. 296). Essa afirmação ressalta a responsabilidade doutrinária da Igreja. Segundo o autor, quando ela abdica de sua função de guardiã da verdade, deixa de ser sal e luz no mundo. Preservar a fé apostólica não é opcional, mas um chamado essencial para que a Igreja permaneça fiel ao Evangelho em meio às pressões da cultura contemporânea.

3 A Missão da Igreja

3.1 Evangelização e discipulado. DeYoung e Gilbert (2012) ensinam que a missão da Igreja é proclamar a salvação em Cristo e formar discípulos. Os autores criticam a visão reducionista que limita a evangelização a mero proselitismo ou evento isolado, destacando que a verdadeira missão inclui acompanhar os convertidos, instruí-los na Palavra e capacitá-los a obedecer a Cristo em todas as áreas da vida.

3.2 Missão integral. Michael Goheen (2014) enfatiza que a Igreja não pode restringir-se à esfera espiritual, mas deve refletir o caráter de Deus em todas as dimensões da vida. Ele apresenta a visão da Igreja como “luz para as nações”, retomando o chamado de Israel no Antigo Testamento. A missão integral, portanto, une proclamação e prática: evangelização e justiça social, fé e compaixão, palavra e ação.

3.3 Um povo missionário. Christopher Wright (2012) lembra que toda a Bíblia revela um Deus missionário formando um povo missionário. A missão, portanto, não é apenas uma atividade da Igreja, mas parte essencial de sua identidade. Desde o chamado de Abraão (Gn 12.1-3), o povo de Deus foi constituído para ser bênção a todas as nações. Assim, cada crente deve compreender-se como missionário, vivendo a fé de forma pública, comunitária e encarnada. A missão é inseparável da própria existência da Igreja.

3.4 A missão no contexto cultural. Nancy Pearcey (2006) alerta para o cativeiro cultural que tenta aprisionar o cristianismo. Antônio Gilberto reforça essa preocupação ao destacar a importância do testemunho fiel da Igreja em meio à cultura, afirmando que a Igreja deve permanecer como coluna da verdade, mantendo sua identidade bíblica e doutrinária, mesmo diante das pressões do mundo contemporâneo (GILBERTO, 2008). Ele acrescenta a dimensão pentecostal dessa missão ao afirmar: “A Igreja só pode cumprir seu papel no mundo mediante a capacitação do Espírito Santo, que autentica a mensagem com sinais, prodígios e transformação de vidas” (GILBERTO, 2008, p. 393).

Conclusão

A Igreja de Cristo nasceu do coração de Deus, foi comprada pelo sangue do Filho e é sustentada pelo Espírito Santo. Sua origem é divina, sua natureza é santa e sua missão é universal. Por isso, cada obreiro e cada crente é chamado a viver em fidelidade à Palavra, em comunhão com o corpo e em dependência do Espírito.

Mais do que uma instituição, a Igreja é o povo de Deus enviado ao mundo. Sua tarefa não é apenas resistir às pressões externas, mas também brilhar como luz em meio às trevas, testemunhando a verdade com amor, santidade e poder.

Dessa maneira, cabe-nos a responsabilidade de permanecer fiéis, perseverantes e corajosos. Ao mesmo tempo, nutrimos a esperança de que o Senhor que fundou a Sua Igreja a levará até a consumação final. A Igreja militante caminha na terra, mas já antecipa a vitória da Igreja triunfante.

Referências

- ALLISON, Gregg R. *Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- BRAY, Gerald. *Igreja: um relato teológico e histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.
- DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. *Qual a Missão da Igreja: entendendo a justiça social e a grande comissão*. São José dos Campos: Fiel, 2012.
- GILBERTO, Antônio (ed). *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- HAYES, Ed. *A Igreja: o corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2002.
- HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1994.
- WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão do Povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DOCTRINÁRIO NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO

Pr. Enoque Vieira

“Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade. Manda estas coisas e ensina-as. Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério”. (I Tm. 4.5-6,11,13-14)

“Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrina de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência...”. (I Tm. 4.1-5)

“Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós”. (II Tm. 1.13,14)

Introdução: servindo com entendimento

Vivemos tempos difíceis no que diz respeito à proliferação de falsos ensinamentos, e a falta de compromisso quanto à manutenção da verdade inofismável da Doutrina de Cristo tal qual a recebemos nas páginas do Novo Testamento.

Há, incontestavelmente, uma confusão generalizada, instalada em grande parte da “cristandade” dos dias atuais que comprova, irrefutavelmente, o avançado processo de descaracterização da fé cristã enquanto conjunto de verdades que caracterizam e identificam a Igreja de Cristo.

Em função desta realidade inegável, impõe-se a nós, Obreiros do Senhor, a necessidade de

conhecermos com profundidade as Doutrinas que constituem o arcabouço da fé cristã. Assim, poderemos servir de forma relevante a Igreja nos dias atuais.

É lamentável percebermos a existência de grupos ditos «evangélicos», incorporando práticas «folclóricas» romanistas, próprias do paganismo, tais quais os festejos juninos, celebrados em homenagem aos santos católicos. Isso até pode parecer inocente e sem maiores consequências para a fé evangélica. Todavia, como líderes e Obreiros, chamados para atuarem nesses tempos de crises, precisamos corajosamente reagir a esse estado de coisas. Se desejamos alcançar a excelência no exercício da Vocação que recebemos do Senhor, urge resgatar também a pureza e a excelência da Doutrina que pregamos.

Certamente, não responderemos satisfatoriamente ao IDE de Jesus se negligenciarmos o compromisso de pregarmos as Verdades do Evangelho da Graça de Deus. Este Evangelho tem, na encarnação de Deus em Jesus, o seu âmago e essência.

As Escrituras são claras e contundentes quanto à necessidade de ensinarmos consistentemente as verdades do Evangelho, como forma de vencermos o erro doutrinário. Portanto, precisamos conhecer a fé que pregamos, especialmente as afirmações bíblicas acerca da singularidade de Cristo: Ele é Emanuel, Verbo de Deus e “pedra angular”, fundamento da Igreja (Cl 2.9).

Cabe a nós cristãos, mais especificamente a nós obreiros do século XXI, enfrentarmos e combatermos a sutileza dos erros doutrinários contemporâneos, a fim de vencermos o novo

esoterismo espiritualista vigente em nossos dias, reafirmando nossa convicção firmemente arraigada na imutável Palavra de Deus.

Como homens de Deus, nossa consciência só pode ser silenciada pelo convencimento que procede da verdade, e nunca, jamais, pelo cinismo. Enfrentar o desafio de pregar e ensinar a Doutrina Cristã na atual conjuntura, implica em assumirmos as Escrituras Sagradas como o conteúdo de verdades que norteiam nossas práticas ministeriais.

1 O Evangelho: O Princípio Fundante da Fé Cristã

“Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas, e exercita-te a ti mesmo em piedade” (1 Timóteo 4.7)

“Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus.” (Atos 20:27)

Precisamos afirmar continuamente o poder transformador do Evangelho de Cristo. À medida que nos dedicamos ao conteúdo do Evangelho, venceremos o espiritualismo esoterizado que tem se infiltrado em alguns segmentos “evangélicos” da atualidade. Empenharmo-nos no sentido de mantermos o Evangelho puro em seu conteúdo e livre dos acréscimos do mercado religioso do momento.

O Evangelho de Cristo é poderoso em si mesmo e não depende de inovações para frutificar (Cl. 1.5-7). Reconhecemos que o Evangelho não depende de homens para triunfar, pois ele é significativo em Si mesmo. Embora Paulo não tenha sido o fundador da Igreja em Colossos, a causa do Evangelho prosperou ali, demonstrando que ele independe das figuras de destaque da religião para seu progresso. A relevância da doutrina cristã não repousa no “argumento da autoridade”, mas na “Autoridade do Argumento”.

2 A Singularidade de Cristo, o Verbo de Deus, e o Fundamento Inabalável da Igreja

Colossenses 2.8-15

É fundamental resgatar, em nossa prática evangelizadora, a devida singularidade de Cristo. Devemos nos importar com Ele, pois onde Jesus não é tudo, tudo se torna nada.

Faz-se necessário que resgatemos a importância de Cristo em nossa teologia e liturgia, a fim de vencermos esse terrível processo de folclorização do Evangelho percebido em nossos dias, pois se Cristo não é a fonte da nossa fé e a razão do nosso culto, então, tudo é vão.

Paulo nos exorta a afirmar a suficiência de Cristo, a fim de vencermos o sincretismo filossófico-religioso contemporâneo. Ao combater o erro doutrinário, devemos contrapô-lo à firmeza da verdade. Enquanto a filosofia do mundo se revela em uma “vã sutileza”, cujo resultado é mera ilusão, a verdade do Evangelho permanece real e superior a todas as especulações e inovações humanas.

O erro doutrinário baseia-se no subjetivismo e na tradição, cuja confiabilidade é, portanto, duvidosa e insatisfatória. Enquanto a vã filosofia tem origem nos homens, o Evangelho provém diretamente de Deus. De modo semelhante, a religião falaciosa se conforma aos padrões do mundo e utiliza recursos materiais, ao passo que as bênçãos de Cristo são de caráter e natureza espiritual.

Além disso, o erro doutrinário tende a manter o crente no infantilismo religioso, pois é exageradamente elementar e simplista no seu conteúdo. O Evangelho visa conduzir o crente à maturidade cristã. O evangelho híbrido que resulta do sincretismo religioso, não é segundo Cristo, mas é Antropocêntrico e visa satisfazer o homem e não glorificar a Deus.

O verdadeiro Cristianismo afirma a singularidade de Cristo, pois Ele é a razão de ser de toda revelação de Deus nas Escrituras, e sem Ele tudo é vazio e perda de tempo. O Conhecimento das Doutrinas Fundamentais da Fé e a Manutenção das Bases da Fé Cristã.

3 O Conhecimento das Doutrinas Fundamentais da Fé e a Manutenção das Bases da Fé Cristã

Cl. 2.4-15

Todo crente minimamente informado reconhece que vivemos tempos caracterizados pelo analfabetismo bíblico e doutrinário. Esse infantilismo religioso decorre, em grande parte, do erro de prioridades: ocupamo-nos com uma infinidade de atividades e eventos no meio evangélico, mas raramente nos dedicamos ao aprendizado sistemático das doutrinas cristãs.

Inquestionavelmente, um dos maiores males deste “evangelicalismo superficial” é a ausência de aprofundamento nas convicções cristãs, firmadas na inamovível Palavra de Deus. Se não estivermos solidamente arraigados na verdade do Evangelho, facilmente seremos enganados por raciocínios falaciosos (Cl. 2.4).

Urge que saibamos quem é Cristo e que lugar Ele ocupa no nosso arcabouço de fé - Cl. 2.9,10. Só venceremos o erro doutrinário e o enganoso processo de esoterização da fé, no combate às suas sutilezas, se nós nos enraizarmos no solo firme da verdade conforme proposto nas Sagradas Escrituras - Cl.2.7.

Considerações finais

Enfrentar o desafio de pregar o Evangelho em um mundo pluralista e relativista exige, certamente, que tenhamos uma clara percepção e, sobretudo, discernimento dos tempos difíceis que estamos vivendo.

Assumir o compromisso de combater as sutilezas do erro doutrinário, que se manifesta

na “filosofia do politicamente correto” e tem alterado, ainda que sutilmente, a vida de muitos frequentadores de igreja, requer que conheçamos as Doutrinas fundamentais da fé cristã. Não há fé cristã na ausência da sã Doutrina (I Tm. 1.10; Tt. 1.9).

Admitir, corajosa e humildemente, que o “culto” no estilo show vem minando nossas convicções cristãs, levando a igreja evangélica brasileira a capitular-se diante do relativismo cultural, da hedonista e de sua permissividade desenfreada, é imprescindível. Não há Cristianismo divorciado do modelo da sã Doutrina (II Tm. 1.13-14).

Grande parte do evangelicalismo atual sofre de superficialismo doutrinário e de falta de enraizamento no solo firme da verdade do Evangelho. Nunca se viu tanto desapego e desinteresse pelo estudo sistemático da Bíblia, como percebemos nos dias atuais (Cl. 2.6-7).

Via de regra, na maioria dos eventos e reuniões realizadas no meio evangélico, a Bíblia é lida em pequenas doses homeopáticas, pois a maioria dos frequentadores dos templos não deseja ouvir porções mais elaboradas da doutrina cristã. Sem ensino consistente da Palavra de Deus, desenvolve-se uma perspectiva de fé caracterizada pela superficialidade.

Fé sem discernimento e profundidade é facilmente induzida ao erro doutrinário. Portanto, nesse tipo de cristianismo, o culto foca mais no entretenimento do que na reflexão bíblica. Na cristandade pós-moderna, em função do superficialismo espiritual, o que prevalece é a última “novidade”, trazida pelo último “guru” de plantão. Compreender e conhecer a verdade fica sempre para depois. Que o Senhor da Igreja nos ajude a enfrentar essa terrível realidade.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL E ACADÊMICA DO OBREIRO, CONDIÇÕES INDISPENSÁVEIS AO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO

Pr. Enoque Vieira

Introdução: A Importância da Teologia e Doutrina Bíblica para a Maturidade Cristã

Estamos vivendo os últimos dias, conforme prenunciado pelas profecias bíblicas. São tempos difíceis, caracterizados pelo vertiginoso crescimento do pecado e do mal, que exercem forte atração sobre os homens, afastando-os de Deus.

Percebe-se que a humanidade descamba rapidamente para o abismo espiritual e moral a cada dia. Observa-se, ainda, a acentuada derrocada dos valores morais e a quebra consciente de todos os paradigmas de ética e moralidade, conforme proposto por Jesus nos Evangelhos. Vive-se um relativismo exacerbado, no qual não existem mais referenciais de verdade nem absolutos dignos de serem seguidos.

Em meio a esse mundo caótico, a Igreja de Jesus é desafiada a se apresentar como guardiã da verdade, da moralidade e dos nobres valores bíblicos, oferecendo-se como farol e referencial para uma sociedade perdida, caminhando para a total degradação.

Embora vivamos em um mundo relativista quanto à verdade e à espiritualidade, temos a Palavra de Deus — revelação proposicional que assumimos como absoluta e final no que diz respeito à vida do homem em suas mais diversas dimensões.

A Igreja tem a Palavra de Deus e a Teologia Bíblica à sua disposição a fim de que enfrentemos e vençamos os desafios e os males do mundo contemporâneo, seus desvalores e transformações sociais conforme veiculados

pela grande mídia, conduzindo os crentes à maturidade cristã - Ef. 4.13-16.

Nessa realidade complexa e conturbada somos concitados a atuar como agentes de transformação ensinando consistentemente o Evangelho e a Teologia Bíblica, objetivando conduzir os crentes à maturidade espiritual e, por conseguinte, agirem transformadoramente no contexto social onde vive.

Certamente não venceremos tamanho desafio se não renunciarmos, conscientemente, tanto o otimismo ingênuo quanto o pessimismo cínico, substituindo-os por um realismo sóbrio e confiante em Deus.

1 A teologia e a maturidade cristã do obreiro

(II Tm. 3. 10-17)

Indubitavelmente, o grande desafio que nos é colocado nos dias atuais — caracterizados pela falta de enraizamento e de conhecimento consistente das Escrituras — é retomarmos a Teologia como fundamento da nossa fé e como arcabouço para a nossa perspectiva de mundo.

Grande parte da igreja evangélica brasileira capitulou-se ao infantilismo bíblico-teológico e poucos crentes e líderes se preocupam em aprofundar no conhecimento das Doutrinas fundamentais da fé cristã. Estamos vivendo a maior crise de conhecimento nos arraiais do movimento evangélico brasileiro.

Urge que voltemos às páginas das Sagradas Escrituras e resgatemos o mandamento do Senhor à sua Igreja no sentido de que ensinássemos o Evangelho e o Evangelho todo à todos os homens e ao homem todo, de todos

os tempos, de todos os lugares – Mt. 28.18-20; At. 20.26, 27.

Quando falamos em aprofundar o conhecimento teológico, não nos referimos a academismo pedante carregado de verbosidade técnica, mas da consciência e a determinação que deve existir na vida de todo crente, especialmente dos obreiros, no sentido de se tornarem conhecedores do Livro santo, pois temos da parte de Paulo a recomendação: “aquele que ensina esmere-se no fazê-lo” - Rm.12.7.

A ordem que recebemos de Jesus é de que nos ocupássemos com a instrução não com a “distração”. A função da igreja não é distrair as pessoas, mas convocá-las à escola da fé, fazê-las discípulos de Cristo e ensiná-las a guardar as verdades do Evangelho.

Nossa preocupação como discípulos de Jesus deve ser com a maturidade e o crescimento espiritual daqueles que Deus nos confiou, e a Teologia é a base para o crescimento cristão.

1.1 O Obreiro e Seu Compromisso com a Verdade do Evangelho

Na espiritualidade pós-moderna, as pessoas não buscam uma fé pela qual possam se comprometer; buscam-na, em grande parte, como meio de resolver seus problemas pessoais.

Essa espiritualidade contemporânea desconhece o que é fidelidade, exceto a fidelidade aos próprios interesses. Nesse contexto, vive-se uma fé “peregrina”: muitos crentes perambulam de igreja em igreja em busca da melhor “oferta” do momento. É uma fé de consumo, na qual o crente segue onde houver a promessa de maior bênção, como cliente em um mercado religioso.

Contudo, a espiritualidade que a Bíblia nos propõe vai além do simples usufruto de bênçãos. A verdadeira fé é um chamamento a

vivermos pessoal e fielmente comprometidos com Deus e Sua Palavra, sendo o compromisso com a verdade do Evangelho o fundamento da vida cristã e do serviço do obreiro.

1.2 A Espiritualidade e a Compreensão do Evangelho

Ef. 3.14-19

Na espiritualidade vivida por boa parte do público evangélico contemporâneo, é mais importante sentir do que compreender. O risco de fundamentar a fé no sentimento é que ele é fugaz e momentâneo, enquanto o conhecimento resulta de aprendizado lento (II Tm. 3.14-15).

Nessa perspectiva equivocada da fé, não há lugar para o “culto racional”, conforme ensinado por Paulo em Rm. 12.1. Como resultado, aos melhores homens faltam convicção, enquanto os piores estão cheios de ímpeto e apaixonados por alguma causa religiosa.

Na espiritualidade desejada e buscada pelos religiosos humanistas, a vida não é para ser refletida ou compreendida, mas apenas sentida. Nessa proposta de fé, as pessoas são induzidas a abrir mão do senso crítico e do que a Bíblia chama de discernimento. O resultado dessa perspectiva é a busca por um seguimento religioso que ofereça mais entretenimento do que entendimento, mais diversão do que reflexão bíblica. Compreender a verdade fica sempre para depois.

Precisamos enfrentar esse sentimentalismo, que abre mão da compreensão, reformulando nossas práticas litúrgicas, a fim de que o culto seja de fato cristocêntrico e, sobretudo, um serviço oferecido a Deus e realizado para Sua glória, e não meros eventos focados no homem e em seus interesses. Para isso, faz-se necessário que resgatemos o devido lugar da reflexão bí-

blica em nossos cultos para que haja mais compreensão do que intuição em nossas reuniões.

Portanto, o desafio é que não capitulemos ao sentimentalismo imbecilizante dos dias atuais, pois o culto da “sintomania” não gera maturidade e crescimento espiritual que são os objetivos de todo serviço religioso prestado ao Senhor na casa de oração.

Convém, ainda, que nos acautelemos tanto da devoção sem reflexão quanto da reflexão sem devoção. Devemos pedir ao Senhor o discernimento necessário para equilibrar essas duas dimensões do culto, a fim de cultivarmos uma espiritualidade que produza em nós o verdadeiro conhecimento de Cristo (I Pe. 3.15; II Pe. 3.18; Ef. 3.17-19).

1.3 Maturidade Espiritual Evidenciada na Vida Moral do Obreiro

I Tm. 3.14-15

“O Evangelho relativista e das facilidades prega um Deus sem ira, que trouxe o homem sem pecado a um reino sem julgamento, através da ministração de um Cristo sem Cruz.” - Richard Niebuhr.

O líder cristão, devidamente cômico da realidade em que vive, compreenderá que o maior desafio da Igreja de Cristo nos dias atuais é manter-se como referencial ético e moral em uma sociedade extremamente relativista e permissivista (Fp. 2.15).

Conforme o ensino do Apóstolo Paulo, a Igreja é a “coluna e sustentáculo da Verdade” (I Tm. 3.15). Cabe a nós, enquanto membros da Igreja de Jesus, manter acesa a luz da verdade moral, para que os homens percebam a necessidade de romper com o sistema maligno que opera neste presente século e sejam conduzidos à salvação e à prática de valores cristãos que

primam pela justiça, pela verdade e pela paz entre os homens.

O comportamento humano é determinado pelo que se pensa no coração. A Bíblia enfatiza nossas crenças, pois o que pensamos inevitavelmente orienta nossas ações. Quando relativizamos os valores morais e não os defendemos frente aos ataques da sociedade contemporânea, corremos o risco de vê-los comprometidos na prática e no comportamento das pessoas.

Portanto, o grande desafio que enfrentamos neste momento crítico é articular uma proposta ética diante do caos moral reinante, oferecendo-nos como referencial a ser seguido no que concerne aos valores éticos e morais. Se a Igreja falhar nesse papel de ser “sal da terra e luz do mundo”, nossa geração estará fadada à escuridão e à completa putrefação (Mt. 5.13-16).

1.4 A Maturidade Espiritual e a Defesa do Cristianismo Bíblico

Ao compreender o Evangelho em sua amplitude teológica, perceberemos que ele tem muito a nos oferecer. Entretanto, ele não existe apenas para nos atender ou confortar. Embora o Evangelho beneficie o homem, não pode ser tratado como um produto moldado ao gosto do cliente; acima de tudo, ele existe para confrontar, corrigir e conduzir à verdade.

Um dos grandes males destes tempos difíceis é a concepção de que a fé também pode ser tratada como um produto de consumo no mercado religioso. Quando essa perspectiva é adotada, prevalece a vontade do cliente, e o Evangelho passa a ser adaptado às demandas do mercado, perdendo assim sua integridade e propósito divino.

Nessa voga, reduzimos a mensagem do Evangelho a alguns chavões e bonitas frases de efeito. O homem do século XXI não tem tempo

para pensar e refletir, o que ele quer é apenas sentir. Não está em busca de compreensão nem precisa de convicção. Quando não acreditamos em nada, abrimos as portas para acreditarmos em tudo. Nesse modelo de fé não há lugar para existência de verdades normativas pelas quais viver ou morrer.

Se o homem atual deseja entretenimento, ofereçamo-lo. Se a “galera” aprecia música alta e algumas badalações, transformemos o culto em uma espécie de programa livre, permitindo que as pessoas simplesmente se divirtam, sem que a profundidade da Palavra de Deus seja buscada ou valorizada.

Considerações finais

Que Deus nos conceda, por Sua graça, a sabedoria e a autoridade espiritual necessárias para enfrentarmos esses desafios, rechaçando com firmeza a tendência ao “cristianismo de liquidação”, que cresce de forma alarmante nos arraiais evangélicos brasileiros e oferece aos homens uma fé a “preços” mais acessíveis. Nosso compromisso deve ser o de pregar o Evangelho em toda a sua amplitude, considerando todas as implicações que dele decorrem, pois somente assim cumprimos nosso papel como verdadeiros homens de Deus. Que Deus esteja conosco nesta árdua e nobre tarefa.

Referências

- CARSON, Donald A. *A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno*. São Paulo: Vida Nova, [s.d.].
- CARSON, Donald A. *O Deus amordaçado: o cristianismo confronta o pluralismo*. São Paulo: Shedd Publicações, [s.d.].
- HORTON, Michael. *Cristianismo sem Cristo: o evangelho alternativo da igreja atual*. São Paulo: Cultura Cristã, [s.d.].
- NEWBIGIN, Lesslie. *O evangelho numa sociedade pluralista*. MG: Ultimato, [s.d.].
- REGA, Lourenço Stelio (Org.). *Quando a teologia faz a diferença: ferramentas para o ministério nos dias de hoje*. São Paulo: Hagnos, [s.d.].
- SCHAEFFER, Francis. *Como viveremos: uma análise das características principais de nossa época em busca de soluções para os problemas desta virada de milênio*. São Paulo: Cultura Cristã, [s.d.].
- VEITH, Gene Edward Jr. *Tempos pós-modernos: uma avaliação cristã do pensamento e da cultura da nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, [s.d.].
- WELLS, David F. *Sem lugar para a verdade: o que aconteceu com a teologia evangélica?* São Paulo: Shedd Publicações, [s.d.].

Pr. Gibson Santos

Introdução: Ameaças à Identidade da Igreja

A Igreja, o Corpo de Cristo, foi idealizada por Deus desde a eternidade. Longe de ser um mero capricho, ela é o povo escolhido de Deus. Desde a sua inauguração no Pentecostes, a Igreja tem se manifestado como uma força transformadora, sendo o santuário de Deus na Terra e cumprindo a missão para a qual foi estabelecida.

No entanto, sua identidade e missão são constantemente desafiadas, muitas vezes de forma sutil, através do que se pode chamar de **infiltração cultural**. Segundo o pastor Isaltino Gomes, este é um fenômeno complexo, que ocorre quando elementos do mundo — como valores, costumes e estilos de vida — são absorvidos de forma gradual e, muitas vezes, imperceptível pela cultura cristã.

Uma das características desse fenômeno é a assimetria de poder, na qual culturas de menor influência tendem a assimilar passivamente novos hábitos e valores, sem perceber a sua origem externa. Essa dinâmica sutil pode afetar a Igreja, que, como instituição, enfrenta a ameaça de ser influenciada por valores externos.

C.S. Lewis capturou a essência dessa ameaça em sua obra *Cristianismo Puro e Simples*, usando uma analogia de guerra para ilustrar a vida cristã. Ele descreve este mundo como um *“território ocupado pelo inimigo”*, no qual o cristão deve atuar como parte de uma *“grande campanha de sabotagem”*. Nessa visão, a Igreja é o local para onde os *“códigos secretos”* são enviados. Para Lewis, o inimigo se esforça para nos afastar da igreja, apelando à nossa vaidade, preguiça e esnobismo intelectual.

Contudo, a estratégia do inimigo mudou. Enquanto Lewis observava um ataque externo, a tática do *“príncipe deste mundo”* hoje é mui-

to mais insidiosa: os ataques passaram a ser internos. A infiltração cultural se mostrou uma arma ainda mais eficaz, pois faz com que a Igreja, em vez de ser uma resistência, se acomode aos valores mundanos, perdendo sua identidade e se descaracterizando. A arma mais eficaz do inimigo não é uma igreja vazia, mas uma que perdeu sua identidade **crístocêntrica** (centrada em Cristo), **logocêntrica** (voltada para a Palavra) e **pneumodinâmica** (dotada e capacitada pelo Espírito). Uma Igreja que perde sua natureza subversiva e se torna um reflexo do próprio *“território ocupado”* é, para o inimigo, uma vitória muito mais completa.

Em vista disso, este estudo visa reafirmar a identidade e a missão da Igreja à luz das Escrituras. É fundamental resgatar a natureza do Corpo de Cristo pela Bíblia, pois nossa compreensão da Igreja é inseparável de nossa compreensão Dele. Como afirma José Gonçalves, a eclesiológia bíblica só existe em função da cristologia. Cristo é o eixo central da Igreja, e qualquer deslocamento desse eixo resulta na perda de sua essência. Neste trabalho, exploraremos a identidade e a vocação da Igreja, tendo como base principal as epístolas de 1 Coríntios 12 e Efésios 4, nas quais o apóstolo Paulo oferece as mais belas analogias para a Igreja: o Corpo de Cristo.

1 A Igreja como Corpo de Cristo: Unidade e Diversidade em 1 Coríntios 12

1.1 Unidade

A analogia da Igreja como o Corpo de Cristo é uma das mais poderosas do Novo Testamento, e Paulo a usa para confrontar a divisão na comunidade de Corinto. O grande desafio de Corinto era o individualismo exacerbado que gerava inveja, competição e a má aplicação dos dons. Paulo corrige essa visão ao enfatizar que,

no Corpo, cada membro — mesmo o mais humilde — é essencial. Ele demonstra que a diversidade de dons é uma expressão da unidade, e não uma causa de divisão.

1.2 A Ação Unificadora do Espírito Santo

Nenhum grupo na Terra é tão diverso quanto o Corpo de Cristo. Ele reúne pessoas de todas as etnias e classes sociais em uma coesão que só é possível pela ação do Espírito Santo. O Espírito é o agente que nos une em um só corpo, batizando e tornando membros pessoas que, por natureza, seriam incompatíveis. Paulo afirma em 1 Coríntios 12.13 (NAA): *“Assim, também, todos nós, judeus e não judeus, escravos e livres, fomos batizados pelo mesmo Espírito para formar um só corpo. E a todos nós foi dado de beber do mesmo Espírito”*. A presença de desunião na Igreja é, portanto, uma contradição à obra do Espírito Santo, cuja função é produzir unidade em meio à diversidade. A desunião se opõe diretamente ao que o Espírito opera no Corpo de Cristo.

1.3 A Unidade como Obra de Cristo

Ao usar a metáfora do Corpo de Cristo, Paulo não está se referindo à igreja isoladamente, mas à igreja em total conformidade com a pessoa de Jesus Cristo. A unidade da Igreja é um atestado da presença de Cristo. Como a Bíblia Missionária de Estudo propõe, essa unidade não é automática, mas exige um esforço contínuo da Igreja: *“Assim como Cristo não está dividido, assim também a igreja, o seu corpo, não deve se dividir”*. A desunião é a não conformidade com Cristo, enquanto a unidade é a conformidade do corpo com a pessoa de Cristo. Essa unidade do Corpo é um reflexo da unidade trinitária. A igreja é unida porque o Deus Trino e fundador da igreja vive eternamente em unidade na diversidade. A unidade só se torna possível à medida que os

crentes se relacionam não apenas uns com os outros (unidade horizontal), mas com o próprio Senhor Jesus Cristo (unidade vertical) como fonte e modelo da unidade eclesial.

A união da Igreja não se baseia em ideologias, forças denominacionais ou bandeiras políticas. Essa união é espiritual, e o Senhor da Igreja é quem mantém o seu próprio corpo unido. A unidade da Igreja também não está firmada apenas em amor fraterno, mas no Evangelho e na graça de Cristo. A comunhão da Igreja é fruto do sacrifício de Cristo, a raiz da unidade.

1.4 Diversidade

O escritor e teólogo José Gonçalves, citando R.L. Omanson, afirma que *“a unidade não exige uniformidade”*. Não é possível falar de unidade sem compreender a diversidade do corpo, que é uma parte legítima e essencial da verdadeira unidade. A igreja jamais deve se dividir, mas sim caminhar na diversidade e unidade de seus membros. Paulo compreendia profundamente essa verdade e desejava que a igreja de Corinto entendesse que a unidade é fortalecida quando cada membro valoriza a diversidade concedida por Deus.

Como ele escreveu:

Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, constituem um só corpo, assim também é com respeito a Cristo. 1Co 12.4-7 e 12 (NAA).

A diversidade é muito importante para a vida do corpo, pois a unidade sem diversidade é uniformidade, e a uniformidade resulta em mau funcionamento ou morte. Os membros do corpo

não podem desempenhar suas funções isoladamente sem a cooperação dos outros membros. O corpo funciona adequadamente quando seus diversos membros, com suas particularidades, trabalham em harmonia. Se eles funcionassem da mesma forma, o corpo corre o risco de não operar com saúde.

Além disso, a diversidade dos membros do Corpo de Cristo nos ensina a autoridade do Senhor da Igreja. Deus, em Sua sabedoria e bondade, planejou exatamente onde cada membro estaria, pois Ele tem a soberania para colocá-lo no Corpo da maneira que lhe apraz. A Igreja não nos pertence, e o Corpo de Cristo não se move por caprichos ou na lógica humana, mas sim pela vontade soberana de Deus. Ele distribui os dons como lhe agrada, não como nos agrada. Nossa felicidade e realização se encontram ao aceitar Sua soberania em nossa história.

2 A Exaltação do Filho: Cabeça da Igreja

A centralidade de Cristo é o fundamento da Igreja. Jesus é a Palavra Viva, o Centro da Igreja. Ele é a Pedra Angular, a pedra principal sobre a qual todo o edifício se alinha. Deslocar o foco de Cristo é um ataque à própria identidade da Igreja.

Apesar de ser composta por pessoas, a Igreja não pode ser escrava de indivíduos ou de métodos humanos. Alec Gilmore destaca que *“A igreja não é, e jamais deve ser considerada, uma democracia, pois o poder não está nas mãos do demos (o povo), mas nas mãos do Christos; é uma cristocracia”*. Isso significa que as decisões e a dinâmica do Corpo de Cristo não são baseadas em votos ou preferências humanas, mas na autoridade e soberania de Cristo.

A eclesiologia (doutrina da igreja) só pode ser compreendida em função da cristologia (doutrina de Cristo), ou seja, a Igreja existe para a glória de Cristo. Consequentemente, qualquer

foco que não seja Ele — seja em líderes, estruturas ou valores culturais — é um ataque à própria identidade da Igreja. A infiltração cultural, ao acomodar a Igreja a preocupações mundanas, desvia esse eixo fundamental e a torna um reflexo do “território ocupado”, em vez de uma resistência.

3 A Vocação: O Corpo em Ação (Efésios 4)

Efésios nos oferece uma compreensão mais aprofundada da vocação do Corpo de Cristo. Donald Stamps sugere que a Epístola aos Efésios pode ser vista como a principal carta do Novo Testamento para a Igreja nos tempos atuais. Ele defende essa visão com base em dois pontos principais: a Epístola destaca as implicações práticas de viver em Cristo e aborda questões cruciais para a renovação e maturidade da Igreja.

Partindo de Efésios 4, o apóstolo Paulo explora as implicações práticas da salvação na vida dos cristãos, tanto individualmente quanto como parte do Corpo de Cristo. O capítulo 4 de Efésios inicia um verdadeiro exercício de entrelaçamento da teologia com a prática, focando na vocação e no serviço — ou seja, no que a Igreja é chamada a ser e a fazer. Temos aqui uma grande lição primordial: a teologia não pode se desvincular da prática. O teólogo Helmut Thielicke argumentava que a teologia e a prática são uma totalidade indivisível. Para Thielicke, a teologia deve ser relevante e capaz de responder aos desafios do mundo, servindo para guiar o Corpo de Cristo em seu serviço diário.

Chegamos, então, ao destaque que o apóstolo faz de duas atividades essenciais para a vida do Corpo de Cristo: **a unidade e o testemunho**. Ambas são responsabilidades práticas e diárias que fazem parte da vocação da Igreja. Uma forma clara de entender essa vocação é a leitura de Efésios 4.1 a partir da versão NTLH: *“Por isso eu, que estou preso porque sirvo ao Senhor Jesus Cristo, peço a vocês que vivam de*

uma maneira que esteja de acordo com o que Deus quis quando chamou vocês”. O desejo do Senhor é que a Igreja se comporte de um modo que corresponda ao que Ele fez por nós. Conforme Elienai Cabral destaca, “andar ‘como é digno da vocação’ significa obedecer prontamente a todos os requisitos espirituais dessa vocação”.

Paulo estabelece que a principal forma de andarmos dignamente é nos relacionarmos adequadamente uns com os outros no Corpo de Cristo, através de quatro qualidades apresentadas no próprio caráter do Senhor Jesus: “*com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando uns aos outros em amor.*” Ef 4.2 (NAA)

3.1 Humildade - A humildade é essencial para a unidade. A pessoa de Jesus Cristo é a personificação máxima da humildade. Ele, que é o Rei do Universo, lavou os pés de seus discípulos (João 13), demonstrando que a verdadeira grandeza está no serviço e na submissão. Para o teólogo John Stott, essa atitude de Cristo “*não é de alguém que se rebaixa e perde a dignidade, mas de alguém que se eleva ao que é mais grandioso*”. A Igreja só pode refletir o caráter de seu Senhor quando seus membros abandonam o egoísmo e a busca por proeminência, adotando a postura de um servo.

3.2 Mansidão - A mansidão é poder sob controle e está longe de ser sinônimo de fraqueza. É um traço de caráter que reflete a natureza e o exemplo de Jesus, sendo um dos aspectos do fruto do Espírito. A mansidão está conectada à ideia de submissão à vontade de Deus. Dietrich Bonhoeffer, em sua obra *O Preço da Graça*, destaca que “*o homem manso não procura o seu próprio caminho, mas o caminho de Deus*”. No contexto de Efésios 4, a mansidão é crucial para a unidade da Igreja, pois permite que os membros se submetam uns aos outros em amor e resolvam conflitos sem violência ou agressividade.

3.3 Longanimidade - A longanimidade, em grego *makrothymia*, é a paciência com os homens. É a capacidade de suportar ofensas sem explodir e buscar vingança. A longanimidade é, antes de tudo, um atributo divino. A pessoa de Jesus Cristo é a personificação da longanimidade divina, que aguentou a traição de Judas, a negação de Pedro e o sofrimento da cruz, tudo sem murmurar ou revidar. Na vida em comunidade, com pessoas imperfeitas, a capacidade de suportar as fraquezas, os erros e as ofensas uns dos outros é o que sustenta os relacionamentos.

3.4 Amor - Em Efésios 4.2, a exortação para “*suportar-vos uns aos outros*” precede “*em amor*”. Isso mostra que o amor não é apenas um ideal, mas uma ação prática no cotidiano da comunidade. Ele é a força motriz por trás de todas as virtudes, o cimento que une todas as partes do Corpo. O amor é o próprio ser de Deus. O apóstolo Paulo afirma em Romanos 5.8: “*Mas Deus prova o seu amor para conosco em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós.*” (NAA). A cruz é a prova cabal desse amor.

O amor, no entanto, não é complacente, mas ativo. Ele não ignora o pecado, mas o confronta para oferecer salvação. Em Efésios 4.15, Paulo nos exorta a falar a verdade em amor, mostrando que a verdade e o amor são inseparáveis. Timothy Keller, em sua obra *A Cruz do Rei*, argumenta que a cruz de Cristo é a prova definitiva de que o amor não é complacente. Ele escreve: “*Deus não simplesmente ignorou o nosso pecado; Ele o castigou na cruz. Isso mostra que o amor de Deus é um amor santo*”.

Conclusão

A análise da Igreja como o Corpo de Cristo demonstra que a sua identidade não se define por sua estrutura ou por valores mundanos, mas por sua fidelidade a Cristo, à Sua Palavra e ao poder do Espírito. É imprescindível resgatar

a clareza sobre a centralidade de Cristo, pois é disso que depende a nossa identidade.

O Espírito Santo, que age como agente unificador em meio à diversidade do Corpo, também capacita a Igreja a resistir à infiltração cultural. A Igreja perde sua natureza subversiva e se torna um reflexo do “território ocupado” quando se desvia de sua essência pneumodinâmica. Ao depender do Espírito, o Corpo de Cristo é fortalecido para viver de forma digna de sua vocação, aplicando a verdade bíblica em seus relacionamentos e em sua comunidade.

A maturidade do Corpo de Cristo depende de sua disposição em viver a teologia que crê. Quando a Igreja compreende que sua existência é para a glória de Cristo, a unidade na diversidade, a dependência do Espírito, a cooperação mútua e a vocação para amar não se tornam um fardo, mas uma experiência transformadora. Que a nossa busca seja, portanto, por um resgate da centralidade de Cristo, a cabeça da Igreja.

Referências

ALLISON, G. R. (2021). *Eclesiologia* - Uma teologia para peregrinos e estrangeiros. São Paulo: Edições Vida Nova.

BARCLAY, W. (1976). *The Letters to the Galatians and Ephesians*. Westminsters: Westminsters Press.

BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO. (2014). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

BONHOEFFER, D. (2016). *O Preço da Graça: O Seguimento de Cristo*. São Paulo: Editora Sínodal / Editora Vozes.

CABRAL, E. (1999). *Comentário Bíblico Efésios*. Rio de Janeiro: CPAD.

FILHO, I. G. (2005). *O que a Bíblia Diz sobre a Igreja*. Editora Mundo Cristão.

GERONE, A. d. (2024). *Avivamento na Vida da Igreja* - Dons ministeriais. Cuiabá: Acyr de Gerone Júnior.

GILMORE, A. (1963). *Baptist churches today and tomorrow*. In *The pattern of the church: a Baptist view*. Londres: Lutterworth.

GONÇALVES, J. (2024). *O Corpo de Cristo*. São Paulo: CPAD.

KELLER, T. (2012). *A Cruz do Rei*. São Paulo: Editora Vida Nova.

LEWIS, C. (2017). *Cristianismo Puro e Simples*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

LEWIS, C. S. (1999). *Os Quatro Amores*. Rio de Janeiro: Editora Mundo Cristão.

NAA. (2017). *Nova Almeida Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

NTLH. (2000). *Nova Tradução da Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

STAMPS, D. C. (2004). *Comentário Bíblico Pentecostal* - Novo Testamento - Efésios. Rio de Janeiro: CPAD.

STOTT, J. (2000). *A Mensagem de Filipenses: olhando para o alvo*. São Paulo: ABU Editora.

THIELICKE, H. (1969). *Teologia Prática: o ministério da Igreja em um mundo secularizado*. Philadelphia: Fortress Press.

THIELICKE, H. (1980). *A Esperança do Mundo*. São Paulo: Editora Sínodal.

MISSÃO DA IGREJA: ENTRE O CULTO E A COMPAIXÃO – A AÇÃO EVANGELÍSTICA E SOCIAL

Pr. Gibson Santos

Introdução: o desafio da missão holística da Igreja

A igreja é, sem dúvida, a maior agência de transformação que existe na sociedade. Se não fosse a igreja em ação, por meio da pregação e de suas inúmeras obras, a realidade do mundo seria muito pior. A igreja é um bálsamo em meio a um mundo de dor, injustiça e caos. Ao nosso Deus seja a glória pela existência da igreja – “*a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!*” (Efésios 3.21 – NAA).

A igreja é chamada a ser uma anunciadora do amor de Deus pela humanidade e de seu plano para ela. A missão é o que move a igreja e a faz obedecer à ordem de Jesus, expressa com muita clareza em inúmeros textos bíblicos. Não há a mínima possibilidade de uma igreja ser verdadeiramente cristã e não ser essencialmente missionária. Por exemplo, Charles Spurgeon, em um de seus sermões de 1873, afirmou: “*Todo cristão aqui é ou um missionário ou um impostor. Lembrem-se disso. Vocês ou tentam espalhar o reino de Cristo, ou então não o amam de forma alguma*” (Spurgeon, 1873). Isso significa que ser missionária é a natureza da igreja. A identidade da igreja é missionária; qualquer coisa fora dessa compreensão será apenas um rótulo. A identidade do cristão não é apenas uma credencial de obreiro (possui o seu devido valor); nossa credencial é a de sermos cooperadores de Deus – “*Porque nós somos cooperadores de Deus, e vocês são lavoura de Deus e edificação de Deus*” (1 Coríntios 3.9 – NAA).

Mesmo que os autores bíblicos tenham expressado a ordem missionária da igreja de modo particular, o objetivo e o imperativo do Corpo de Cristo são os mesmos: os seguidores de Jesus são enviados por Ele ao mundo para anunciar a mensagem do evangelho a todas as pessoas, em todos os tempos e contextos. Alguns podem até não ter o dom de evangelista (Efésios 4.11), mas todos os cristãos são chamados a testemunhar sobre o que ouviram, viram e experimentaram ao andar com Jesus. Esse testemunho se dá por meio daquilo que o crente é, faz e fala (Atos 1.8; 1 João 1.3-4).

Contudo, propor uma resposta e uma conceituação bíblica sobre a *ecclesiae missio* – missão da igreja, é extremamente importante, pois há muita confusão sobre essa definição. Errar sobre o que pensamos da missão da Igreja significa errar em tudo mais. Se tropeçarmos na conceituação do que sabemos sobre a missão da Igreja, incorremos em tropeçar em todos os desdobramentos da eclesiologia. Se a missão da igreja no imaginário evangélico for o que a igreja não nasceu para ser, há o risco de muitos membros do corpo estarem realizando coisas em nome de Deus que jamais deveriam ter sido realizadas. Se a igreja foge à missão para a qual foi estabelecida, isso implica dizer que o cristão que pensa de forma equivocada sobre a missão da igreja também está equivocado em sua prática cristã.

Por isso, gostaria de conceituar termos comumente utilizados na eclesiologia missional contemporânea, de modo a exemplificar o desafio de conceituarmos a missão da igreja. O

primeiro é “*ganhar almas*”, termo bastante comum e utilizado por nossas igrejas para levar o evangelho de Jesus Cristo a todos aqueles que não o conhecem. Sem dúvidas, “*ganhar almas*” é o chamado de Deus em que todo cristão tem a responsabilidade de anunciar as boas-novas a respeito da salvação que há em Cristo.

Apesar disso, mesmo que pareça mera formalidade técnica em relação ao uso do termo, essa frase expressa, consciente ou inconscientemente, um pouco de como alguns percebem e realizam a obra missionária da Igreja: numa perspectiva simples e reducionista. Todavia, a partir de uma leitura mais cuidadosa, veremos que a Bíblia apresenta uma forma de resgate do ser humano mais abrangente, pois o próprio Deus constitui o ser humano como um ser completo, íntegro e holístico (1 Tessalonicenses 5.23; Hebreus 4.12). Ou seja, na Bíblia, a redenção não se limita a uma salvação somente da alma; o enfoque não está reduzido apenas à vida espiritual. A visão bíblica da redenção inclui a totalidade da vida, não se limitando ao aspecto espiritual (Romanos 8.21-23; Apocalipse 21.5). Uma ação missionária da igreja preocupada apenas e tão somente com a alma corre o risco de estar numa extremidade que não cumpre o propósito da missão de Deus para a própria Igreja.

Contudo, também há outro extremo totalmente oposto, que procura alcançar o ser humano apenas para libertá-lo de problemas sociais e estruturais. Como se o interesse da igreja estivesse tão-somente na libertação social do indivíduo e da sociedade. Acreditam perigosamente que não se deve anunciar uma mensagem sobre a salvação em Cristo, sobre a Bíblia ou sobre a fé evangélica. A missão da igreja seria transformar uma sociedade injusta numa sociedade mais justa. Essa é uma pseudomissão! É o tipo

de conceito enviesado que ignora a profundidade do evangelho, apegando-se somente ao lado social da tarefa missionária da Igreja. Este tipo de conceito é uma afronta aos propósitos eternos de Deus registrados na Escritura. Essa visão deve ser totalmente rejeitada, pois ela rejeita o poder do Evangelho de Deus revelado em Jesus Cristo para salvar o ser humano do pecado e não apenas das consequências visíveis do pecado na sociedade (Rm 1.16).

Ambas as ações se pautam em verdades incompletas ou “meias verdades”, oferecendo, novamente, o risco de a missão da igreja realizar coisas em nome de Deus que jamais deveriam ter sido realizadas. Portanto, como já mencionado, o propósito de Deus para a missão de sua igreja é muito maior que tudo isso. A missão da Igreja do Senhor, muitas vezes vista de forma fragmentada, deve ser compreendida em sua totalidade, englobando tanto o anúncio das boas-novas (evangelização) quanto o engajamento prático na manifestação da justiça de Deus aos vulneráveis e desfavorecidos.

Essa fragmentação, historicamente polarizada, tem levado congregações a focar em um aspecto em detrimento do outro, enfraquecendo a manifestação do Reino de Deus na Terra. No entanto, a visão bíblica demonstra que a missão da Igreja é intrinsecamente holística, integrando adoração, comunhão, evangelismo, ensino e a prática da misericórdia de maneira inseparável. A missão cristã não se restringe a uma de suas dimensões; ela é ampla e interconectada.

Mas será que para alcançar os marginalizados ou ministrar aos pobres devemos sacrificar a sã doutrina? Jamais! Devemos evitar o erro da **fusão de conceitos**, erro que leva alguns a defenderem que o evangelho é somente o cuidado com os pobres. Mas devemos entender que existe um entrelaçamento entre a ação da

igreja no mundo e a doutrina bíblica (ortodoxia). A Bíblia é do começo ao fim um livro dedicado à justiça de Deus neste mundo. O Evangelho não precisa de releitura para atender aos caprichos de um evangelho social. Quando a doutrina bíblica é entendida corretamente, a Igreja de Deus agirá no mundo com a justiça de Deus; não será qualquer justiça, será uma justiça proveniente do Evangelho, uma justiça como sinal da justiça vindoura, perfeita e eterna que será consumada na Vinda do Senhor Jesus.

Preliminarmente, podemos afirmar uma correlação importantíssima: a pregação da igreja não é completa sem a demonstração prática do amor de Deus, e a ação social da igreja perde sua força e direção se não estiver enraizada na mensagem transformadora de Cristo.

1 O debate ortodoxo: fusão vs. distinção

Uma das nossas maiores preocupações como cristãos ortodoxos, defensores da sã doutrina, é o risco de um equívoco nessa relação entre evangelho e ação social. Este é um erro que acontece recorrentemente. Um exemplo desse equívoco foi a afirmação do Concílio Mundial de Igrejas, na declaração sobre o evangelismo de Bangkok em 1973, declarando explicitamente que a evangelização era o cuidado com os pobres e vulneráveis (Igrejas, 1973). Portanto, não podemos descartar essa preocupação. No entanto, a discussão foi retomada com o Pacto de Lausanne de 1974, que, com a participação de nomes como Billy Graham e John Stott, fez a distinção entre os conceitos, enfatizando que a Igreja não deveria negligenciar o cuidado com os necessitados e que o cristão deveria manter o seu compromisso com a evangelização, e que a evangelização não deveria ser confundida com a ação social.

2 A tese de John Stott e a crítica de Timothy Keller

John Stott propôs que a ação social é um *“parceiro do evangelismo”* (Stott, 2010), sustentando que ambos são importantes, mas independentes. Ele os via como “duas linhas paralelas” na missão cristã. No entanto, Timothy Keller criticou essa visão por não estabelecer uma relação orgânica e por não refletir o ministério de Jesus. Keller, em seu livro *Ministérios de Misericórdia*, defende a tese da simbiose, onde evangelismo e ação social são *“distintos, mas nunca separados”* (Keller, 2016). Para ele, a ação de misericórdia e a pregação da Palavra se alimentam mutuamente, sendo a primeira uma demonstração visível e poderosa da segunda, e a segunda a fonte de motivação e significado para a primeira.

3 Fundamentação teológica: a *missio dei* e a missão da igreja

Para entender a missão da igreja, é fundamental compreender a *Missio Dei* (Missão de Deus), que nos leva a reconhecer que a missão não é, em sua essência, da igreja, mas se origina em Deus. A missão é um predicado de sua natureza, pois o Deus Triúno é, por essência, missionário. A Bíblia Missionária de Estudo afirma: *“O Deus Triúno é o fundamento, ou seja, o iniciador, a origem e o dono da missão”* (Estudo, 2014). A *Missio Dei* se manifesta no Pai que envia o Filho, no Pai e no Filho que enviam o Espírito Santo que reveste a igreja de poder, e na Trindade que a envia no mundo. A missão da igreja é uma participação na atividade missionária de Deus para o mundo. A igreja é enviada para cooperar com a glória de Deus, que se manifesta em tudo o que Ele faz, desde a criação até a salvação.

A missão principal é a glória de Deus; as missões da igreja são auxiliares. O objetivo final não é a igreja em si ou as atividades que ela

realiza, mas a manifestação da glória de Deus. A missão é cristocêntrica, não antropocêntrica. É por isso que as Escrituras enfatizam que as boas obras da igreja devem levar as pessoas a glorificarem a Deus Pai (Mt 5.16). A igreja é missional em tudo que faz: no serviço, na proclamação, na adoração e no testemunho. Ela não escolhe o que fazer ou priorizar, mas se submete ao plano eterno de Deus. Como afirmou Martin Lloyd-Jones, a *“glória de Deus se manifesta em tudo o que ele faz”* (LLOYD-JONES, 1996).

4 O Evangelho como fonte de ação e o perigo das ideologias

É crucial que a motivação para a ação social da igreja venha do Evangelho, e não de ideologias seculares. O cuidado com os vulneráveis é um valor cristão desde os primórdios, enraizado no amor de Deus. Amar o próximo não é natural (Mc 12.31), mas um ato de graça produzido por Deus no crente. A obra de Cristo na cruz resolveu a inimizade primordial do ser humano com Deus (Ef 2.4-5), capacitando-o a amar e servir o outro de forma autêntica.

O cuidado com o próximo, que abrange diversas vulnerabilidades (Lc 10.25-37; Romanos 12.3-8), não deve ser visto como mais um projeto social secundário. Essa mentalidade dualista tem permitido que ideologias seculares se apropriem de pautas que, em sua origem, são do Evangelho. O cristianismo possui uma história de séculos de cuidado com os vulneráveis, desde os primeiros cristãos que acolhiam bebês abandonados no Império Romano até a criação dos primeiros hospitais e orfanatos. A fonte de misericórdia da Igreja não é o manifesto do Partido Comunista. Quando ajudamos o pobre, a glória tem que ser de Cristo e não de Marx. Quando estendemos a mão ao vulnerável, a glória tem que ser de Jesus Cristo.

O cuidado com o próximo é um ato de fé e uma expressão vital da missão da igreja. Jesus, em seu ministério integral, pregava, ensinava e curava (Mt 4.23), sendo o maior exemplo de ministério de misericórdia (Coelho, 2016). *“A verdade impactante é que a obra de misericórdia é fundamental”* (Keller, 2016). O Evangelho é a fonte do ministério de misericórdia, e exercê-lo não é uma opção, mas uma parte fundamental da missão da igreja. Conforme Wright, *“A Bíblia nos traz a mais incrível boa-nova de que tem uma mensagem e pode transformar cada área da vida humana que é tocada pelo pecado. O problema é que tendemos a nos concentrar em um ou outro aspecto da boa-nova, em detrimento de outros. O que Deus uniu, nós o temos separado”* (Wright, 2012).

5 A missão da Assembleia de Deus: culto, conversão e resposta social

A Assembleia de Deus, apesar de sua ênfase no culto e no evangelismo, tem um papel significativo na ação social. Um exemplo notável é a ressocialização de pessoas oriundas do mundo da criminalidade. A dissertação de mestrado do Pr. Moisés G. Andrade, intitulada *“Uma história social da Assembleia de Deus: a conversão religiosa como forma de ressocializar pessoas oriundas do mundo da criminalidade”* (Andrade, 2010), destaca o papel fundamental da igreja nesse processo. Moisés afirma corretamente que a conversão é entendida não apenas como um ato de fé individual, mas como um evento de reestruturação de vida, no qual o indivíduo *“troca os valores do crime pelos valores da Igreja”*. A atuação da igreja Assembleia de Deus na ressocialização demonstra a missão holística em prática, unindo evangelização e cuidado com os marginalizados. O culto e a compaixão são faces da mesma moeda da missão, e a igreja se

torna um novo núcleo de identidade e apoio para os indivíduos.

Conclusão: rumo a uma eclesiologia missionária

A missão da Igreja, portanto, não é um dilema entre a evangelização e a ação social, mas uma harmonia entre ambas. O culto sem compaixão é vazio, e a compaixão sem a proclamação da Palavra é incompleta. Nossa tarefa é participar da *Missio Dei* na totalidade, proclamando as Boas-Novas e agindo como sinal do Reino de Deus em um mundo quebrado.

Que a Assembleia de Deus continue a ser uma igreja que, no poder do Espírito Santo, não apenas leva a mensagem da salvação, mas também demonstra o amor de Deus de forma tangível, continuando a ser um farol de esperança e transformação para os mais necessitados. O chamado é para que a Igreja se veja não apenas como uma agência que envia missionários, mas como uma comunidade que é, ela mesma, enviada por Deus ao mundo para servir, proclamar e adorar.

Referências

ANDRADE, M. G. (2010). *Uma História Social da Assembleia de Deus: a conversão religiosa como forma de ressocializar pessoas oriundas da criminalidade*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco; Pró-reitoria acadêmica - Mesurado em Ciências da Religião.

BOSCH, D. J. (2002). *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal.

COELHO, A. (2016). *A Igreja de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD.

ESTUDO, B. M. (2014). *Bíblia Missionária de Estudo*. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil.

HOJE, N. T. (2012). *Nova Tradução da Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

IGREJAS, C. M. (1973). *Evangelismo no mundo de hoje: uma declaração da Conferência de Bangkok*. Genebra: CMI.

KELLER, T. (2016). *Ministérios de Misericórdia: a chamada para a estrada de Jericó*. São Paulo: Vida Nova.

LEENHARDT, F. (1969). *Epístola aos Romanos. Comentário Exegético*. São Paulo: ASTE.

LLOYD-JONES, M. (1996). *O Supremo Propósito de Deus*. São Paulo: PES.

SPURGEON, C. (1873). *A Sermon and a Reminiscence*. Londres: The Sword and the Trowel.

STOTT, J. (2010). *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. São Paulo: Ultimato.

STRONG, J. (1890). *Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong nº 07971*. Cincinnati: Jennings & Graham.

STRONG, J. (1890). *Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong, nº 03212*. Cincinnati: Jennings & Graham.

WRIGHT, C. J. (2012). *A Missão do Povo de Deus: Uma teologia Bíblica da Missão da Igreja*. São Paulo: 2012.

C. Kleber Maia

Introdução*Texto base: 1 Pe 2.9*

A Igreja de Jesus Cristo, em sua essência mais profunda, não foi concebida para ser um mero ajuntamento de fiéis ou uma instituição religiosa confinada às paredes de um templo. Ela é, na verdade, um organismo vivo, dinâmico e, acima de tudo, profético. Em um mundo onde a voz da fé muitas vezes se torna um sussurro em meio ao clamor ensurdecedor do secularismo e da indiferença, é imperativo que a Igreja redescubra e abraça sua verdadeira identidade: a de ser a voz de Deus na Terra, um farol de esperança e transformação.

A palavra “profético” transcende a mera predição do futuro; ela se refere, primordialmente, a falar por Deus no presente, com uma autoridade espiritual que transforma realidades. A Igreja possui essa identidade profética, que a capacita a influenciar, transformar e libertar.

Podemos compreender a identidade da Igreja examinando uma tríade indissociável que sustenta sua missão profética: o chamado divino, a santidade como fundamento e a autoridade espiritual para agir no mundo (1Pe 2.9). A Igreja, como Corpo de Cristo (Ef 1.22-23), é vocacionada a refletir o caráter de seu Senhor e a anunciar Sua mensagem, sendo simultaneamente um povo santo e um instrumento profético, incumbido de proclamar a verdade divina a um mundo em rebelião contra Deus.

1 O Chamado Profético da Igreja: Voz de Deus na Terra

A existência da Igreja não é um acidente histórico, mas uma resposta divina às trevas

espirituais que dominam o mundo. Ela nasce do coração de Deus, um ato deliberado de amor e propósito.

Quando Pedro afirma que fomos “chamados das trevas para a sua maravilhosa luz”, ele não está apenas descrevendo uma experiência individual de salvação, mas estabelecendo a natureza transformadora e coletiva do nosso chamado. A Igreja é a continuação da voz profética de Cristo na Terra. Não somos apenas beneficiários da graça; somos, de fato, porta-vozes dela.

A Igreja é a manifestação contínua da voz divina, ecoando a mensagem do Filho de Deus em cada geração (Fp 2.15,16).

1.1 A Eleição com Propósito

O termo grego *genos eklekton*, traduzido como “raça eleita”, denota um povo escolhido com um propósito específico e inalienável. Não fomos salvos apenas para escapar do inferno, mas para sermos instrumentos proféticos de transformação no mundo. A analogia do embaixador é particularmente elucidativa: assim como um embaixador representa oficialmente seu país em terra estrangeira, a Igreja representa o Reino de Deus na Terra. Temos credenciais celestiais para falar em nome do Rei (2Co 5.20)!

Essa representação não é passiva; ela exige uma proclamação pública e um testemunho explícito, como o verbo grego *exangeilēte* (anunciar) em 1 Pedro 2.9. Pedro aplica à Igreja as prerrogativas da vocação de Israel — continuidade da missão de mediação e testemunho no mundo, agora reconfigurada em Cristo.

1.2 A Identidade Profética

Jesus mesmo declarou: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio.” (Jo 20.21). Essa declaração não é apenas uma comissão, mas uma transferência de responsabilidade e identidade espiritual. O mesmo Espírito que capacitou Jesus para o Seu ministério profético habita em nós, capacitando a Igreja (Lc 4.18-19).

O envio e a capacitação pelo Espírito Santo (At 1.8) conferem à Igreja legitimidade e autoridade para falar em nome de Cristo. O ministério profético, nesse sentido, não é um privilégio de poucos, mas uma responsabilidade de toda a comunidade dos discípulos.

Para a Igreja, redescobrir seu chamado profético significa ir além das quatro paredes, entendendo que sua existência é uma resposta divina às necessidades do mundo. Para os obreiros, isso implica uma profunda reflexão: estamos apenas administrando programas religiosos ou exercendo autoridade profética?

A ação prática é dedicar tempo diário à intercessão pelos problemas da sua cidade, buscando a direção profética de Deus sobre como a Igreja deve responder. É preciso cultivar a consciência de que somos enviados, com o propósito claro e o poder do Espírito para cumpri-lo.

2 A Santidade como Fundamento da Autoridade: A Marca Distintiva

A identidade profética da Igreja é intrinsecamente ligada à sua santidade. Sem ela, a voz profética perde sua ressonância e credibilidade.

2.1 Nação Santa - Separada para Influenciar

A palavra “santo”, *hagios*, significa “separado para um propósito sagrado”. A santidade da Igreja não é um isolamento do mundo, mas uma diferenciação que gera autoridade moral e espiritual. A Bíblia é clara: “Sede santos, porque eu sou santo.” (1 Pe 1.16).

A autoridade espiritual não emana de posições eclesiais, mas da conformidade com o caráter de Cristo. A santidade, na perspectiva bíblica, não se resume a uma separação ritualística, mas a uma consagração integral a Deus e à conformidade com Seu caráter (Lv 20.7-8; 1 Pe 1.15-16). É um processo contínuo (2 Co 3.18), realizado pelo Espírito Santo, que molda as crenças à imagem de Jesus Cristo e aprofunda sua comunhão com Deus.

2.2 Sacerdócio Real - Ponte Entre Céu e Terra

Como “sacerdócio real”, a Igreja exerce uma dupla função vital:

- i. **Intercessão:** Levamos as necessidades do mundo diante de Deus, atuando como mediadores entre a humanidade e o divino.
- ii. **Proclamação:** trazemos as respostas de Deus para o mundo, anunciando a Sua vontade e os Seus caminhos.

Todos são chamados a ser “corpo sacerdotal”. Isso descentraliza a missão — não é monopólio de oficiais, mas de toda a comunidade.

2.3 A Santidade que Confronta

A santidade verdadeira não é passiva; ela confronta ativamente as trevas. Em um mundo de relativismo moral e secularização, viver segundo os padrões do Reino de Deus torna-se, por si só, um ato profético e confrontador.

A mensagem do Evangelho perde credibilidade quando a vida dos mensageiros é incompatível com aquilo que proclamam (Tt 2.7-8). A Igreja que tolera o pecado aberto compromete sua voz profética (Ap 2.14-16). Isaías profetizou sobre uma luz que contrasta com as trevas (Is 60.1-2). Essa santidade ativa é a luz que dissipa a escuridão.

Para a Igreja, a santidade deve ser um valor inegociável, não como um fim em si mesma,

mas como o alicerce para sua autoridade e influência. Para os obreiros, o desafio é identificar uma área da vida que precise de maior santificação, lembrando que autoridade espiritual é proporcional à santidade pessoal. Cultivar a santidade prática significa viver de forma que a mensagem do Evangelho seja autenticada pela própria vida, tornando-se um testemunho encarnado que confronta as trevas do mundo.

3 Exercendo Autoridade Espiritual no Mundo: Proclamação e Transformação

A identidade profética da Igreja culmina no exercício de sua autoridade espiritual, manifestada na proclamação e na transformação.

3.1 Proclamar as Virtudes de Deus

Fomos chamados para proclamar as boas novas, como pregadores (*kērux*) aqueles que anunciam “publicamente, como um arauto real”. A Igreja não sussurra as virtudes de Deus; ela as proclama com autoridade! As virtudes a serem proclamadas são um bálsamo para um mundo ferido. Elas são:

Justiça em um mundo de corrupção;
Amor em um mundo de ódio;
Esperança em um mundo de desespero;
Verdade em um mundo de mentiras;
Perdão em um mundo de amargura.

Essa proclamação é a essência da missão profética da Igreja, que foi dada por Cristo e que cumprimos por sua graça.

3.2 Autoridade Através da Demonstração

A autoridade profética da Igreja se manifesta não apenas através de palavras, mas de demonstração de poder (1 Co 2.4). Em 1 Pedro, proclamar inclui palavra e obras: a “boa conduta” torna-se apologética viva (2.12,15; 3.1,15–16).

As manifestações dessa autoridade incluem:

Cura para os enfermos
Libertação para os oprimidos
Restauração para os quebrantados
Provisão para os necessitados
Esperança para os desesperados

Essa autoridade é derivada de Cristo, que declarou: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, ide...” (Mt 28.18-19). É uma autoridade espiritual, não meramente institucional, que se manifesta na proclamação do Evangelho, no ensino da Palavra, na administração da disciplina eclesial e na intercessão.

3.3 Influência Transformadora: Sal e Luz

Jesus disse que somos sal e luz (Mateus 5.13-16). Isso implica na influência profunda e abrangente:

Como Sal: preservamos os valores do Reino, temperamos a sociedade com justiça e criamos sede pelas coisas de Deus. O sal impede a corrupção e dá sabor.

Como Luz: Revelamos a verdade, direcionamos os perdidos e dissipamos as trevas. A luz ilumina o caminho e expõe o que está oculto.

Essa função profética tem caráter público e contracultural. A metáfora do sal e da luz indica uma influência preservadora e iluminadora em meio à corrupção e trevas do mundo. O testemunho profético, portanto, não é apenas verbal, mas encarnado no modo de vida dos crentes.

3.4 A Igreja como Agência Profética no Mundo

O apóstolo Paulo afirma que, por meio da Igreja, “a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais” (Ef 3.10). A Igreja não apenas comunica o Evangelho aos homens, mas também testemunha às realidades espirituais sobre o triunfo de Cristo. Essa função exige a manutenção de uma identidade distinta. Jesus

orou para que Seus discípulos estivessem no mundo, mas não fossem do mundo (Jo 17.14-18). A conformidade aos padrões seculares compromete a pureza da missão (Rm 12.2). A proclamação profética requer fidelidade à Escritura e independência de pressões culturais.

Para a Igreja, exercer autoridade espiritual significa não apenas pregar, mas demonstrar o poder de Deus através de ações concretas de cura, libertação e transformação social. Para os obreiros, o princípio é claro: a autoridade profética sem amor se torna legalismo religioso. A autoridade verdadeira sempre é exercida com coração pastoral. Além disso, a responsabilidade do obreiro é equipar a Igreja para que cada membro exerça sua identidade profética (Ef 4.11-12). Isso implica capacitar os crentes a serem sal e luz em seus próprios contextos, vivendo o Evangelho de forma integral.

Conclusão

A Igreja de Jesus Cristo não foi destinada a ser uma audiência passiva da história, mas a protagonista ativa da transformação mundial. Nossa identidade profética não é uma opção; é nossa essência. Quando a Igreja redescobre seu chamado profético, abraça sua santidade prática e exerce sua autoridade espiritual, o mundo não pode permanecer indiferente. Trevas recuam, vidas são transformadas, e o Reino de Deus avança.

Em um mundo marcado por pluralismo religioso, relativismo moral e secularização, a Igreja é desafiada a manter-se fiel à sua missão profética. Isso implica não apenas proclamar a Palavra, mas vivê-la, resistindo às pressões de conformidade cultural e preservando sua identidade distinta como povo de Deus.

Pedro coloca a Igreja diante de um espelho: eleita, sacerdotal, santa e pertencente a Deus, para proclamar — com lábios e vida — as excelências daquele que a tirou das trevas e a trou-

xe para a sua luz. Para os líderes, isso significa formar identidade, liberar o sacerdócio de todos, cultivar santidade comunitária, afirmar o pertencimento a Deus e orquestrar uma proclamação integral. A missão não é um projeto anexo; é o propósito do povo que Deus criou em Cristo — um povo cuja própria existência, em santidade amorosa, já é anúncio da luz.

O desafio para cada obreiro e para a Igreja como um todo é profundo: seremos administradores religiosos ou agentes proféticos do Reino? A geração a quem servimos está esperando que a Igreja levante sua voz profética. O mundo está ávido de expectativa, aguardando a manifestação dos filhos de Deus que conhecem sua verdadeira identidade. A Igreja permanece como coluna e baluarte da verdade (1 Tm 3.15), servindo como voz de Cristo no mundo até que Ele venha. Amém.

Referências

- ALLISON, Gregg R. *Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros*. São Paulo. Vida Nova, 2021.
- BRAY, Gerald. *Igreja: um relato teológico e histórico*. São Paulo. Shedd Publicações, 2017.
- DeYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. *Qual a Missão da Igreja: entendendo a justiça social e a grande comissão*. São José dos Campos. Fiel, 2012.
- GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações*. São Paulo. Vida Nova, 2014.
- HAYES, Ed. *A Igreja: o corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo. Hagnos, 2002.
- WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão do Povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja*. São Paulo. Vida Nova, 2012.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À IGREJA CULTURA, SECULARIZAÇÃO E FIDELIDADE BÍBLICA

C. Kleber Maia

Introdução

Texto base: 2 Tm 3.1-17

A Igreja de Jesus Cristo, ao longo de sua história milenar, sempre se viu diante de desafios que testaram sua fé, sua resiliência e sua capacidade de manter-se fiel à sua essência divina em meio às correntes mutáveis do tempo. No século XXI, essa realidade não é diferente; na verdade, a intensidade e a velocidade das transformações culturais, o avanço avassalador da secularização e a pressão constante para relativizar verdades bíblicas criam um cenário onde muitas igrejas estão a navegar em águas turbulentas, por vezes, sem uma bússola clara.

A história da Igreja é um testemunho eloquente de que a adversidade não a enfraquece, mas a purifica e a fortalece. Desde os primeiros cristãos que desafiaram o Império Romano até os reformadores que confrontaram sistemas religiosos corrompidos, a pressão externa tem sido um catalisador para a pureza interna.

No texto lido, Paulo não escrevia para uma comunidade isolada, mas para cristãos imersos no epicentro do poder romano, enfrentando pressões culturais, políticas e religiosas intensas. Sua mensagem é, portanto, profundamente relevante para os desafios que a Igreja enfrenta hoje.

1 Os Tempos Difíceis: Pressões Culturais e Religiosidade Superficial (2 Tm 3.1-5)

Nunca na história humana as transformações culturais aconteceram com tamanha velocidade. O que era aceito ontem é questionado hoje e pode ser condenado amanhã. A Igreja se encontra, desse modo, no dilema entre a busca por relevância e a manutenção de sua fidelidade inegociável aos princípios divinos.

Paulo descreve uma sociedade marcada por amor-próprio, amor ao dinheiro, soberba, desobediência, ingratidão e falta de afeto (3.2-4). É um retrato vívido do que vemos hoje:

Narcisismo (*philautoi*): culto ao “eu” e à autenticidade subjetiva;

Materialismo prático (*philargyroi*): amor ao dinheiro e consumismo;

Relativismo moral: “cada um tem sua verdade”;

Religiosidade performática: “aparência de piedade, mas negando o poder dela” (3.5).

Essa religiosidade desprovida de poder reflete a secularização contemporânea: uma espiritualidade centrada na imagem e na performance digital, destituída de transformação genuína.

1.1 O Modelo de Daniel: Excelência Sem Conformidade

Em meio a um cenário de conformidade, a figura de Daniel é um modelo inspirador. Ele viveu 70 anos no epicentro de duas superpotências mundiais, Babilônia e Pérsia, mas nunca permitiu que a cultura dominante definisse seus valores. Seus princípios são atemporais para a Igreja contemporânea.

Excelência Profissional (Dn 6.3). Isso demonstra que a fé não é um impedimento para a excelência, mas um catalisador.

Convicções Inabaláveis. Daniel preferiu a cova dos leões à conformidade, mostrando que a fidelidade a Deus é mais valiosa que a própria vida.

Influência Transformadora. Ele impactou reis e impérios sem se corromper, provando que é possível influenciar sem ser negativamente influenciado.

A Igreja, portanto, não precisa se tornar irrelevante para permanecer fiel, nem se corromper para ser relevante.

1.2 Jesus e a Cultura: O Modelo Supremo

O Senhor Jesus é o modelo supremo de como navegar na cultura. Ele viveu perfeitamente entre a graça e a verdade (Jo 1.14). Ele jantou com pecadores, mas não aprovou o pecado, confrontou sistemas religiosos sem desprezar as pessoas e falou verdades difíceis com amor genuíno. Sua vida é a prova de que podemos estar no mundo sem ser do mundo, influenciando sem ser influenciados negativamente. Ele transformou culturas sem se conformar a elas.

Para a Igreja, o desafio cultural exige uma postura de discernimento ativo. É fundamental que as comunidades de fé se engajem em discussões abertas sobre as tendências culturais, analisando-as através das “lentes bíblicas”. O que revelam sobre a natureza humana, como se alinham ou conflitam com princípios bíblicos, e que oportunidades ministeriais apresentam.

Para os obreiros, o imperativo é modelar a integração fé-vida, demonstrando que é possível trabalhar com excelência sem comprometer valores, relacionar-se com não-cristãos sem absorver sua mundanidade e participar da cultura sem ser dominado por ela. A Igreja deve ser corajosamente contracultural quando necessário.

2 O Contraste: Falsos Mestres e o Testemunho da Vida Fiel (2 Tm 3.6–13)

A secularização é um dos desafios mais insidiosos à Igreja contemporânea. Não se trata apenas da ausência de religião, mas da marginalização sistemática do sagrado na esfera pública, um processo pelo qual a sociedade se organiza como se Deus não existisse.

As manifestações da secularização são diversas e profundas.

Relativismo moral. A ideia de que “cada um tem sua verdade”, minando a existência de verdades universais e objetivas e, consequentemente, a autoridade da Escritura como norma de fé e prática.

Materialismo prático. Viver como se só existisse o “aqui e agora”, negligenciando a dimensão espiritual e eterna da existência.

Autonomia absoluta. O indivíduo como medida de todas as coisas, colocando a vontade humana acima de qualquer autoridade divina.

Cientificismo. A ciência como única fonte de verdade, desconsiderando outras formas de conhecimento e revelação.

Pluralismo religioso e sincretismo. Embora promova tolerância, frequentemente nega a exclusividade de Cristo como único caminho de salvação (Jo 14.6; At 4.12), diluindo a singularidade do Evangelho.

Religiosidade performativa: formas de “piedade” mediadas por imagem, performance, conteúdo digital – há aparência de piedade, por vezes sem o discipulado que transforma.

Paulo adverte contra aqueles que exploram os vulneráveis, manipulam e sempre aprendem, mas “jamais chegam ao conhecimento da verdade” (3.7). Ele cita Janes e Jambres, opositores de Moisés, como figuras do falso poder que imita, mas não transforma (3.8). Atualmente, vemos esse mesmo espírito em ideologias que esvaziam o Evangelho, no sincretismo que relativiza Cristo (Jo 14.6; At 4.12), e em ensinamentos que atraem, mas não libertam.

Em contraste, Paulo aponta para sua própria vida: “ensinamento, procedimento, propósito, fé, paciência, amor, perseverança, perseguições e sofrimentos” (3.10-11). O padrão é claro:

Falsos: aparência sem essência, poder sem verdade.

Fiéis: doutrina unida à vida, fé sustentada em meio ao sofrimento.

Líderes cristãos precisam ser exemplo vivo. “Todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (3.12). O sofrimento não é exceção, mas parte do discipulado.

2.1 A Resposta Bíblica à Secularização

Diante da secularização, a Igreja é chamada a uma resposta multifacetada, enraizada na Palavra de Deus:

- i. Manter a Transcendência. A Igreja deve continuar apontando para realidades além do material e acima do temporal (Cl 3.1-3). A fé cristã oferece uma cosmovisão que transcende o meramente terreno.
- ii. Demonstrar Relevância Prática. A fé cristã não é escapismo espiritual; ela se manifesta em transformação social (Tg 1.27). A ação social e o cuidado com os marginalizados são testemunhos poderosos.
- iii. Engajar Intelectualmente. Em uma era que valoriza o conhecimento e a razão, a Igreja deve estar preparada para defender sua fé (1 Pe 3.15). Isso exige estudo, reflexão e diálogo.

2.2 Estratégias para uma Igreja Relevante e Fiel

Para a Igreja, o desafio da secularização exige que ela seja graciosamente relevante sempre. Isso significa que, além de proclamar a verdade, ela deve demonstrar o amor de Deus através de ações concretas de serviço e compaixão, e crer na operação do Seu poder, tornando a fé visível e palpável.

Para os obreiros, é crucial aprofundar o estudo onde questões culturais complexas possam ser abordadas com abertura para ouvir, firmeza nas convicções bíblicas e amor pelas pessoas. A defesa da verdade deve ocorrer no

espírito do Evangelho, com mansidão e temor (1 Pe 3.15), acolhendo sem convivência e buscando ganhar pessoas para Cristo (2 Tm 2.24-26).

3 A Suficiência das Escrituras: A Resposta de Deus (2 Tm 3.14-17)

A fidelidade bíblica é a âncora da Igreja em um mar de incertezas. Em uma época em que a própria ideia de verdade absoluta é questionada, a Igreja enfrenta pressões internas e externas para reinterpretar textos bíblicos, relativizar ensinamentos morais e diluir doutrinas fundamentais em nome da “inclusão”.

3.1 O Ataque à Autoridade das Escrituras

A Igreja é constantemente pressionada a:

Reinterpretar textos bíblicos para acomodar tendências culturais;

Relativizar ensinamentos morais considerados “ultrapassados”;

Diluir doutrinas fundamentais em nome da “inclusão”.

Essa pressão é um ataque direto à autoridade das Escrituras. Contudo, a declaração de Jesus é inabalável. “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). A Palavra de Deus é a fonte inerrante da verdade.

3.2 Princípios para Manter a Fidelidade Bíblica

Para manter a fidelidade bíblica, a Igreja deve se apegar a princípios fundamentais.

A. Autoridade Escritural Inabalável. A Bíblia não é produto da cultura humana, mas revelação divina que transcende e julga todas as culturas. É o alicerce da vida e prática cristã (2 Tm 3.16).

B. Interpretação Contextual e Fiel. Isso envolve considerar o contexto histórico-cultural do texto, buscar a harmonia escritural (a Bíblia interpreta a Bíblia), manter o cristocentrismo (Cristo é o cen-

tro hermenêutico) e aplicar a Palavra de forma contemporânea e responsável.

C. Coragem Profética. A Igreja deve ter coragem profética para chamar o pecado de pecado e a justiça de justiça, mesmo quando a cultura diz o contrário (Is 5.20).

3.3 Amor e Verdade: uma Síntese Necessária

Muitas vezes, somos levados a um dilema falso. Escolher entre amor e verdade, como se fossem mutuamente excludentes. A síntese cristã, no entanto, é clara.

Verdade sem amor = Legalismo frio e repulsivo.

Amor sem verdade = Sentimentalismo vazio e enganoso.

Amor com verdade = Graça transformadora, como em Cristo.

O amor não suaviza a verdade; antes, dá-lhe um contexto no qual ela pode ser ouvida (Ef 4.15).

Para a Igreja, a fidelidade bíblica significa ser inabalavelmente bíblica em todas as circunstâncias. Isso implica equipar os membros com uma cosmovisão cristã sólida e ensiná-los a avaliar tendências culturais bíblicamente, defendendo a fé em uma era relativista.

Para os obreiros, o discernimento espiritual é indispensável (Hb 5.14), desenvolvido pelo exame constante das Escrituras (At 17.11), oração e dependência do Espírito Santo (Ef 6.18), e vigilância contra a conformidade com o mundo (Tg 4.4). A batalha é espiritual, e as armas da Igreja são poderosas para demolir sofismas (2 Co 10.4-5).

O clímax do capítulo é a exortação: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste” (3.14). Timóteo conhecia as Escrituras desde a infância (3.15), nas quais estava a sabedoria que conduz à salvação.

A igreja precisa cumprir seu papel de quem “maneja bem a Palavra da Verdade”:

Ensinar (διδασκαλία): *firmar doutrina;*

Repreender (ἐλεγχος): *expor o erro;*

Corrigir (ἐπιανόρθωσις): *restaurar o que se desviou;*

Instruir na justiça (παιδεία): *formar caráter e prática.*

O objetivo é formar o “homem de Deus perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (3.17).

Conclusão

Os desafios que a Igreja enfrenta no século XXI são, sem dúvida, reais e intensos. Contudo, eles não são novos nem insuperáveis. A Igreja primitiva floresceu em meio ao paganismo romano; a Igreja medieval sobreviveu à Idade das Trevas; a Igreja da Reforma transformou a Europa; e a Igreja missionária alcançou o mundo. E agora, é a nossa vez.

Não somos vítimas das circunstâncias; somos agentes de transformação. Não navegamos sem direção; temos a Palavra de Deus como nossa bússola inabalável. Não enfrentamos estes desafios sozinhos; temos o Espírito Santo como nosso consolador e guia. O mundo está observando para ver se a Igreja de Jesus Cristo tem algo genuinamente diferente a oferecer. As pessoas estão cansadas de promessas vazias e filosofias humanas que não satisfazem; elas anseiam por verdade, propósito e esperança genuína.

Nossa responsabilidade como obreiros é preparar a Igreja para ser essa resposta. Uma Igreja que seja corajosamente contracultural quando necessário, graciosamente relevante sempre e inabalavelmente bíblica em todas as circunstâncias. Cada desafio que enfrentamos é, na verdade, uma porta aberta para demonstrar a

supremacia de Cristo e o poder transformador do Evangelho. A Igreja, como “coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.15), deve manter-se fiel à sua missão, iluminando um mundo que carece desesperadamente da luz de Cristo.

Referências

ALLISON, Gregg R. *Eclesiologia: uma teologia para peregrinos e estrangeiros*. São Paulo. Vida Nova, 2021.

DeYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. *Qual a Missão da Igreja: entendendo a justiça social e a*

grande comissão. São José dos Campos. Fiel, 2012.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações*. São Paulo. Vida Nova, 2014.

KOUKL, Gregory. *Táticas: um plan de accion para debatir tus convicciones cristianas*. Nashville: Editorial Vida, 2018.

PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativoiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.



X CONGRESSO DE CIÊNCIAS BÍBLICAS - FASSEB

E

ESCOLA BÍBLICA DE OBREIROS - CONEMAD - GO



Faculdade
Assembletiana
do Brasil

CERTIFICADO

Certificamos que _____

participou da Escola Bíblica de Obreiros (CONEMAD-Go) e do X Congresso de Ciências Bíblicas (FASSEB), com o tema: “ECCLESIOLOGIA: A Igreja, sua origem, natureza e missão no mundo (1 Timóteo 3:15)”, realizados nos dias 10 e 11 de outubro de 2025, com carga horária de 15 horas.

Bispo Oides José do Carmo

Presidente vitalício da Convenção Estadual dos
Ministros Evangélicos das Assembletianas de Deus
no Estado de Goiás, Ministério de Madureira -
CONEMAD-GO

Prof. Dr.ª Gláucia Loureiro de Paula

Diretora Geral da Faculdade
Assembletiana do Brasil - FASSEB.

Participante

**SAIBA
COMO**

**SUBIR
MAIS!**

FASSEB



**Faculdade
Assembleiana
do Brasil**

VENHA SER O
PRÓXIMO
BACHAREL EM:



TEOLOGIA DIREITO PSICOLOGIA

**FORMAS DE
INGRESSO**

• ENEM • TRANSFERÊNCIA • PORTADOR DE DIPLOMA
• VESTIBULAR AGENDADO / ON-LINE



GIÁ CITO OLOGIA



fasseb.com [fasseb](https://www.instagram.com/fasseb) [62 98136.4881](https://www.whatsapp.com/business/62981364881)



Faculdade
Assembleiana
do Brasil

CONHEÇA NOSSOS CURSOS DE OBREIROS SEJA UM OBREIRO APROVADO!



PÓS-GRADUAÇÃO É NA FASSEB!

TEOLOGIA
SISTEMÁTICA



EaD

- Imersão em conhecimento
- Conteúdo dinâmico



fasseb.com [fasseb](https://www.instagram.com/fasseb) [62 98136.4881](https://www.whatsapp.com/channel/00299562981364881)



Faculdade
Assembleiana
do Brasil